



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

RENALLY XAVIER DE MELO

ESCRITA, HISTERIA E FEMININO

CAMPINA GRANDE – PB
2011

RENALLY XAVIER DE MELO

ESCRITA, HISTERIA E FEMININO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como exigência para a obtenção das titulações de bacharelado e licenciatura em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª Dr. Jailma Souto Oliveira da Silva

CAMPINA GRANDE – PB

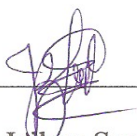
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

RENALLY XAVIER DE MELO

ESCRITA, HISTERIA E FEMININO

Aprovado em 03 / 11 / 2011

BANCA EXAMINADORA

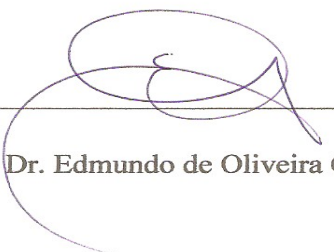


CPF 243.210.954-68

Prof^ª Dr. Jailma Souto Oliveira da Silva



Esp. Maria Cristina Maia de Oliveira Fernandes



Prof^º Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio

Aos meus pais, Joselito Lima de Andrade e Jacinta Lúcia Xavier, que me mostraram o limite no momento necessário. Fortalecendo, assim, meus passos e caminhos para que eu pudesse construir um caminho próprio. Com eles eu aprendi que as impossibilidades se superam, que as frustrações não nos imobilizam, apenas nos possibilitam seguir de um modo mais digno, respeitando apenas aquilo que importa: o nosso desejo. A eles a minha sincera gratidão e o meu eterno amor.

AGRADECIMENTOS

O telefone toca no meio da madrugada e uma voz doce e amiga grita “Nega, tu passou no vestibular”. Gritos de alegria desbravaram a escuridão da madrugada pela luz da esperança e futura construção do conhecimento. Meus gritos e pulos de quem acabara de ganhar uma batalha acorda a todos os que amo, acorda quem mora próximo. E acordados pela felicidade nos tornávamos crianças que sabem sonhar com um futuro que não existe.

Por isso pensar esses agradecimentos talvez precise de muitas páginas. Foram muitas pessoas que passaram ao longo de meu trajeto de graduação e vida que me influenciaram no que sou e no que serei. Alguns nomes são impossíveis não mencionar, outros, ainda que não escritos são importantes.

A Deus, pelo dom da vida e de sonhar.

Aos meus pais Joselito Lima de Andrade e Jacinta Lucia Xavier, pelo exemplo de força, coragem, carinho, cuidado, amor, dedicação, renuncia, apoio constantes aos meus sonhos, ainda que delirantes.

Ao meu sobrinho Manoel Mariano Xavier de Araujo – Netinho, que me lembrava constantemente do universo infantil, pelas suas conversas deliciosas. Pelas batidas na porta do meu quarto, sempre que necessário e desnecessariamente, me lembrando que havia vida fora dos meus momentos de estudo.

Ao meu irmão Wagner Emmanuel pelas constantes brincadeiras, que fazem nossas refeições serem sempre mais divertidas, mais bagunçadas e mais felizes. Onde o encontro diário é certeza de sorrisos e bobagens. Fazendo assim a rotina cotidiana, que por vezes mortifica, mais leve e doce. Mostrando sempre em seu sorriso, seus dentes separados; riso moleque, de quem tem uma criança aprisionada dentro de si, mesmo tendo corpo adulto.

Ao meu irmão Thyago Xavier pelo exemplo de: dedicação aos estudos, homem de fé, de pontualidade, de responsabilidade. Pela constante companhia nos caminhos rumo aos saberes, infinitos saberes que buscávamos, mesmo quando não compreendíamos o que procurávamos.

A minha prima Darly Gomes da Silva, pela doce presença, cuidado, atenção, companhia, amizade e certeza de amor. Foi com a sua existência que aprendi que podemos ser algo além do que as pessoas dizem que seremos.

Ao meu avó Manoel Mariano Xavier – Neco das Padras, pela sua determinação, coragem, leveza, sabedoria, amor, fineza, educação, cuidado, carinho. Enfim pela sua existência.

À minha avó Noemia Cunha da Silva, pelo exemplo de garra apontando para sua descendência caminhos por ela não percorridos, o caminhos das letras.

À minha tia Keudma Cristina (Tia Keubinha), pelo constante incentivo e carinho e guloseimas.

À minha tia Dalva pelo apoio aos sonhos e constante incentivo aos estudos.

Ao meu tio Wellington Virgínio – SD Virgínio pelo constante incentivo à leitura, pela delicadeza, educação e carinho.

Aos meus primos que tornaram a minha vida mais leve e divertida ao longo desses anos, em especial a minha prima Jefta Silmara, que com sua alegria, contagiava a todos a sua volta.

Aos meus vizinhos, Dona Salete, Agnes, Joçânia, Ruan, Branca e Bela por todos esses anos de amizade, por serem quase parentes e certeza de um companheirismo que me acompanha desde antes do meu nascimento.

Às minhas amigas Hediany Andrade, Rafaela Azuzzy e Renata Oliveira, por terem sido suporte para dividir, as angústias, as conquistas junto ao conhecimento “psi”, bem como possibilitaram muitas tesouradas do que vimos ao longo desses anos.

Ao meu amigo mais freudiano de todos Helder Camilo, pelo carinho, risadas e todos os cheiros e elogios ao longo desses cinco anos de amizade.

Aos meus amigos de turma por terem aguentado toda a minha falação durante a graduação. Vocês foram fundamentais para meu amadurecimento teórico e profissional.

Aos professores que marcaram minha vida acadêmica, pela ética e compromisso com a educação: Ivontônio Gomes Viana, Myrna Agra Maracajá, Edmundo de Oliveira Gaudêncio, Livânia Beltrão, Jorge Delane Brito, Jailma Souto.

À minha professora Jailma Souto, orientadora desse trabalho, por ter aceitado meu convite para construir comigo esse trabalho, deixando essa jornada frente ao conhecimento mais bela e prazerosa.

Às pessoas que compõe a Escola Brasileira de Psicanálise – Delegação Paraíba, que me proporcionaram ao longo desses anos um constante espaço de discussão sobre o saber psicanalítico, isso contribuiu para que o meu desejo pela Psicanálise não estagnasse.

À Cristina Maia e Ana Ocildeide que foram suporte para a minha primeira experiência prática junto a Psicanálise de orientação lacaniana, quando me proporcionaram o estágio na clínica Dr. Maia.

Enfim, a todos que comigo estiveram presentes nessa jornada meu MUITO OBRIGADA!

“Foi mais que uma surpresa, foi um choque. Encontrar alguém falando que escrever é acima de tudo um ato de coragem, de se expor, de se arriscar, de olhar para dentro de nós mesmos e descobrir o outro. Porque não existimos sem essa relação, escrever é uma forma de falar aquilo que não pode ser dito. É mostrar muitas vezes, o que não queremos em nós mesmos e dar para o leitor como um presente feio e sujo, alguma coisa que entregamos sem esperar nada em troca. Escrever é deixar que o peso caia das nossas costas, porque o verdadeiro escritor é aquele que usa as palavras para se denunciar e denunciar aquilo que o leitor nunca teria coragem de falar.”

Trecho extraído do filme *Bruna Surfistinha*

RESUMO

Este trabalho é resultado da exigência da graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Para a construção desse estudo foi feita uma articulação entre os campos da Literatura e da Psicanálise, fazendo uso dos conceitos da *escrita*, da *histeria*, e do *feminino*. Tomando para o cerne dessa discussão o romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Clarice Lispector, problematizamos a relação existente entre os saberes psicanalítico e literário, pensando a função da escrita como um *savoir-faire* frente à castração. Nesse sentido, fizemos uma digressão histórica na obra freudiana contextualizando a histeria e o surgimento da associação livre como método terapêutico e a implicação de quem escuta, com a atenção flutuante. A partir das considerações feitas sobre o discurso histórico, refletimos sobre o “ser” feminino posto tanto para o homem quanto para a mulher, dentro da lógica psicanalítica, referendando esta premissa nos protagonistas de Clarice Lispector: Lóri e Ulisses.

Palavras-chaves: Escrita, Histeria, Feminino, Psicanálise e Literatura.

RESUMÉ

Ce travail est résultat de l'exigence du programme d'études dans le psychologie de l'Université d'Etat de Paraíba (UEPB). Pour la construction de cette étude a été faite un lien entre les domaines de la littérature et la psychanalyse, faisant usage de concepts: l'écriture, d'hystérie, et le féminin. Prise au coeur de cette discussion, le roman de Clarice Lispector *Une apprentissage* ou le livre *dês plaisirs*. Ainsi, nous discutons de la relation entre la psychanalyse et de la connaissance littéraire, la réflexion sur la fonction de l'écriture comme une façon de savoir-faire de la castration. En ce sens, nous avons fait une tournée dans le contexte historique de l'hystérie freudienne et l'émergence de la libre association comme une méthode thérapeutique comme une méthode thérapeutique et l'implication de l'auditeur, avec une attention flottante. À partir des considérations faites sur le discours hystérique, une réflexion sur "l'être" féminin, position commune pour l'homme et la femme, dans la logique psychanalytique, avec la référence de cette hypothèse les protagonistes de Clarice Lispector: Lóri et Ulisses.

Mots clés: Écriture, Hystérie, Féminin, Psychanalyse et Littérature.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1. ARTE, ESCRITA E PSICANÁLISE	14
2. O DISCURSO DA HISTERIA	23
3. A ESCRITA DO FEMININO	37
4. A LETRA DE CLARICE	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS/ FILMOGRÁFICAS	63

APRESENTAÇÃO

“[...] no íntimo, somos poetas, só com o último homem morrerá o último poeta.”

Sigmund Freud

Para construção deste estudo buscamos fazer uma articulação entre os saberes psicanalítico e literário, na tentativa de construir uma compreensão sobre o modo que a escrita poética pode nos auxiliar na compreensão da fantasia. Nesse sentido, escolhemos a arte de Clarice Lispector (1920- 1977), em específico o romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* para nortear a nossa discussão.

A relação existente entre os campos de saberes psicanalítico e literário, não é algo que se constitui como uma novidade. Desde os primórdios da obra freudiana podemos observar esta articulação de saberes, de modo que Sigmund Freud (1856-1939) em sua primeira publicação *A interpretação dos Sonhos (1900)*, faz referência à obra de *Édipo Rei*, um dos pilares sobre a relação do sujeito com os desejos incestuosos. Ao longo de toda a obra freudiana teremos o pai da Psicanálise fazendo referências e análises de produções artísticas. Nesse sentido, podemos observar que a arte se estabelece como uma forma do sujeito obter uma satisfação frente as suas fantasias.

Portanto, trouxemos para o cerne dos questionamentos do trabalho a problemática da histeria junto às contribuições freudianas sobre a temática em questão, para posteriormente articularmos a esta discussão as considerações psicanalíticas sobre o feminino.

Desse modo, teremos no desenvolvimento deste trabalho quatro capítulos, no primeiro, intitulado *Arte, escrita e Psicanálise*, buscamos na escrita freudiana os pontos onde esta estabelece uma relação com a literatura, introduzindo uma reflexão sobre o modo como o sujeito se insere no universo da linguagem a partir de uma articulação do *complexo de Édipo* às problemáticas postas em cada tempo. Outro ponto de discussão consiste na compreensão da arte como uma forma de cifrar o gozo, buscando uma articulação sobre os pontos de semelhança e divergência entre a produção artística e a produção analítica.

No segundo capítulo, intitulado *O discurso da histeria*, buscamos fazer uma digressão histórica da histeria em Freud, de modo a compreender como o pai da Psicanálise chega a desenvolver o método da associação livre, em detrimento aos métodos hipnótico e catártico. Nesse sentido, trazemos para o debate as principais

características estruturais dos sujeitos histéricos, relacionando estas com a personagem Lóri do romance escolhido para a discussão do nosso trabalho.

No terceiro capítulo, *A escrita do feminino*, problematizamos a transformação da menina em mulher, tomando como aporte teórico a discussão freudiana sobre as implicações do complexo de Édipo nas meninas na transformação supracitada. Nessa perspectiva, também buscamos fazer referência à obra de Jacques Lacan (1901-1981) na tentativa de compreender o modo de gozo feminino, bem como as implicações do amor frente à castração.

O último capítulo, *A letra de Clarice*, fazemos uma articulação entre o texto e as contribuições psicanalíticas. Situamos o trabalho de Clarice Lispector e a obra destacada, nos apropriamos da voz dos personagens Lóri e Ulisses e permitimos que eles nos digam prosaicamente as reflexões que traduzem as questões aqui discutidas. Assim, este trabalho busca uma problematização entre os conceitos de escrita, histeria e feminino.

1. ARTE, ESCRITA E PSICANÁLISE

“Onde eu não estou as palavras me acham”

Manoel de Barros

É possível criar uma articulação entre a arte, a escrita e a Psicanálise? Ao analisar uma produção artística junto das contribuições psicanalíticas não estaríamos limitando a arte em si? Essas são algumas das questões que vão permear esse trabalho na tentativa de construir pontes entre o saber artístico/literário e o psicanalítico. Essas reflexões serão trabalhadas a partir de um retorno ao próprio percurso da Psicanálise, atrelando a esta teoria uma parte da produção artística de Clarice Lispector, em específico no romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, na tentativa de pensar as articulações possíveis não só entre a arte e a Psicanálise, mas também frente a uma questão das quais Freud se ocupou: *a histeria*; e na obra de seu percussor Jacques Lacan: *o feminino*.

A escolha pela arte de Clarice Lispector se dá pela genialidade das questões que são abordadas pela a autora, trazendo considerações importantes a serem refletidas pelo saber psicanalítico. Nesse sentido, como nos aponta Noël (1978), ler com as lentes de Freud é perceber aquilo que está ignorado, ou seja, o próprio inconsciente e o seu funcionamento na obra. Desse modo, na arte literária percebemos a importância da escrita, como forma de manifestação do inconsciente. Sendo assim, esta serviria como um *savoir-faire* frente ao gozo, uma possível forma de apaziguamento, frente ao indizível. A própria Clarice Lispector nos aponta isso em uma nota no supracitado romance onde diz “Este livro pediu uma liberdade maior que tive medo de dar. Ele está muito acima de mim. Humildemente tentei escrevê-lo. Eu sou mais forte do que eu” (1998, p. 7).

Desde o surgimento da Psicanálise percebemos que este saber opera sobre a linguagem, não só a linguagem do artista, mas também a linguagem que é capaz de trazer à tona conteúdos do inconsciente, isso é posto na interpretação dos sonhos, nos atos falhos, nos sintomas, nos chistes e lapsos. Nesse sentido o saber freudiano está atento ao desejo do inconsciente que se manifesta, como aponta Noël (1978, p. 18), “Freud era um intérprete sempre atento às palavras, às frases, à linguagem”. É na obra *A Interpretação dos Sonhos* (1900), de Sigmund Freud, que podemos perceber de forma

íntima a relação entre a Psicanálise e o universo da linguagem, onde os sonhos podem ser uma forma de manifestação dos desejos recalçados, portanto o relato de um sonho é antes de tudo, um enunciado narrativo. Desse modo, Freud abre os caminhos para a leitura do inconsciente. Tânia Rivera (1999) sinaliza que é na obra *A interpretação dos Sonhos* que Freud faz sua primeira menção a tragédia de Sófocles, *Édipo Rei*, articulando esta às formações do núcleo da subjetividade. Sendo assim, ao buscar no mito de Édipo uma exemplificação literária dos desejos incestuosos, Freud deu a esse saber o estatuto de transferência com outros campos de saberes.

Os diversos setores da Arte estão em íntima relação com a Psicanálise, já que lidam fundamentalmente com imagens. Voltamos para elucidar tudo o que está relacionado às imagens, os estudos freudianos sobre a Arte revelam um fato curioso e essencial: um *certo* rompimento com a Biologia. Em um sentido psicológico, a existência de imagens no psiquismo atesta a independência de imagens com relação à realidade biológica do corpo. A evolução do pensamento freudiano giraria em torno desse conflito entre a Biologia e a Psicologia. A arte comprovaria a exclusão mútua desses campos do conhecimento, visto serem as leis da criação artística leis psicológicas de formação e estruturação de imagens (SKLAR, 1989, p.20).

Ao estabelecer diálogo com outros campos de saberes a Psicanálise trouxe para o cenário da teoria analítica aquilo que é o motor de todo tratamento, a transferência, conceito presente desde os primórdios da prática clínica freudiana. Observamos que essa ideia se faz presente na primeira paciente (Anna O.) que Breuer e Freud atenderam. Mas o conceito da transferência não é só uma questão da práxis clínica, provoca questões também na própria teoria analítica, já que não temos como dissociar teoria e prática quando fazemos menção à Psicanálise.

Desse modo, ao pensarmos a transferência nesse contexto, somos influenciados por Rivera (1999) a pensar esta como uma ligação entre dois, onde presente e passado entram em cena, mediados pelo jogo simbólico, formando assim uma ligação entre três (eu, outro e Outro). Porém a transferência não é uma relação que existe apenas nas relações entre analistas e analisados, pelo contrário, a transferência existe nas mais diversas relações humanas. Entretanto, não podemos deixar de mencionar a função do terceiro elemento que se constitui como o sujeito suposto saber, já que este ocupa o lugar de Outro, junto ao eu e ao outro.

Contudo compreendemos que foi mérito da Psicanálise trazer para o seu campo a possibilidade de fazer uso dessa ferramenta em um trabalho analítico. Ao apontarmos a transferência na obra freudiana não podemos deixar de refletir que esse saber se liga a

outros saberes, como no caso da Literatura. Ao fazer referência a tragédia de Sófocles, Freud trouxe para si o próprio reconhecimento de sua teoria junto a outro campo de saber. O mito de Édipo é um dos pontos centrais da teoria freudiana, e neste exemplo podemos pensar a relação de espelhamento que existe entre Freud e a obra (*Édipo Rei*).

Desde a fundação da Psicanálise podemos observar a relação existente desse saber com a literatura, seja a letra escrita pelo paciente, ou a letra escrita pelo poeta. Já que não deixamos de perceber na obra de Freud vários exemplos de análises feitas a determinadas produções artísticas. Um exemplo dessas análises é o estudo sobre o romance de Jensen, *Gradiva*, onde conseguimos compreender um ponto em comum entre a Psicanálise e a literatura, a escrita da fantasia, quando pensamos o encontro amoroso de Nobert e Zoe, personagens do romance citado, que nada mais é do que o reencontro do sujeito com o objeto amoroso infantil:

Também vimos, mais tarde, que na infância ele não evitou as outras crianças, mantendo amizade com uma menina, sua inseparável companheira, repartindo com ela suas merendas e deixando-a arripiar seus cabelos no decurso de brincadeiras violentas. É em ligações como essas, onde o afeto se combina à agressividade, que o erotismo imaturo da infância se expressa; só mais tarde emergem suas consequências, mas então de forma irresistível; na infância, geralmente só os médicos e os escritores criativos o reconhecem como erotismo (FREUD, 1907, p 49).

E é justamente a partir da relação entre a literatura e a fantasia que Nöel (1978), aponta o saber freudiano, não como um saber científico, mas como a arte de decifrar uma verdade. Que verdade seria essa que parece ser comum ao poeta e ao analista? A verdade do inconsciente, daquilo que é rechaçado pela sociedade, mas que tanto ao poeta como ao analista é possível vislumbrar, por que, para ambos, o que está em jogo é a escrita da fantasia. Como afirma Nöel:

[...] a psicanálise opera sobre a linguagem, fator de verdade e alienação nas relações entre pessoas e no próprio interior da pessoa: o que me ensina ela sobre este lugar de exercício privilegiado da linguagem que é o conjunto da literatura, onde a realidade secreta do indivíduo se exprime melhor que em outra parte? Eis aí perguntas verossímeis. A finalidade da investigação torna-se então esta: descrever os princípios e o leque de meios que a psicanálise colocou à nossa disposição para nos permitir ler melhor a literatura (1978, p. 13).

Ainda tomando como referencial as considerações de Nöel (1978) sobre a relação existente entre a literatura e a psicanálise, é por meio da literatura que conseguimos tomar a consciência da nossa humanidade, pois além da letra ser uma possibilidade de transmissão de saber entre as gerações, é na letra que o homem se

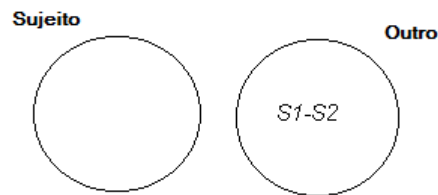
interroga sobre si. Entretanto, temos no campo literário um discurso desequilibrado frente à realidade concreta. Sendo assim, temos tanto na literatura quanto na psicanálise a possibilidade de encontro com a escrita do diferente, ou seja, da fala singular, que leva em conta apenas as verdades fantasmagóricas do sujeito.

As palavras de todos os dias reunidas de uma certa maneira adquirem o poder de sugerir o imprevisível, o desconhecido os escritores são homens que, escrevendo, falam, sem o saberem, de coisas que literalmente 'eles não sabem'. O poema sabe mais que o poeta (NÖEL, 1978, p.13).

Nesse sentido, o texto literário traz à tona o discurso do inconsciente, porém é com a psicanálise que podemos explicar este, entretanto temos que estar atentos para o fato de não resumir a letra do artista apenas a uma explicação psicanalítica. E é justamente dessa relação entre linguagem e psicanálise que temos na obra de Jacques Lacan uma articulação do saber freudiano com a linguística de Saussure, onde ele vai elaborar as considerações sobre o significado e significante.

Segundo Nascimento (2010), o encontro do sujeito com a linguagem precede a sua própria existência. Pois é nas leis do Outro que se encontram os significantes que irão nomear o sujeito e estas leis são exteriores ao próprio sujeito.

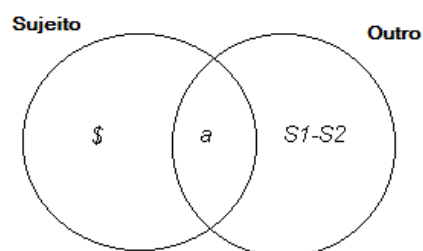
Desse modo, é a partir da relação com a satisfação e frustração frente a esse Outro provedor que o sujeito se insere na ordem simbólica. Por exemplo, temos a partir da interpretação do grito do *infans* que carrega em si algo da ordem do primitivo, mas que frente às inferências do cuidador pode ser compreendido de diversos modos. Sendo assim, as demandas de satisfação que inicialmente eram da ordem da necessidade, passam a ser simbolizadas como uma demanda subjetivada, já que esta passa a ter a possibilidade de interpretação. Este fato resultará no sujeito o próprio sentido na cadeia simbólica (S1 – S2), que também gera a alienação. Neste momento, o sujeito não possui nenhum significante próprio, os significantes que o nomeiam vêm do Outro. Desse modo, frente à frustração do real, o sujeito, ao atribuir significantes, cria seu próprio ser. Assim sendo, os significantes tem não apenas o papel de exteriorizar o sujeito, mas também de possibilitar a interiorização de si.



Neste sentido ao mesmo tempo que o S1 possibilita a criação do sujeito, ele o faz desaparecer frente ao processo de alienação ao Outro. Pelo viés do desaparecimento o sujeito escolherá a via de sentido, o que culmina na alienação, entretanto pelo viés da aparição é a partir da condição de sujeito dividido (\$) que se insere no campo da linguagem. A partir desse encontro do sujeito com o Outro ele também encontra a castração. Deste modo ele cria a fantasia como uma forma de defesa contra o real, pois a castração carrega em si algo de insuportável. É por o objeto da satisfação faltar ao sujeito que ele se constitui como um ser desejante.

O objeto que falta vai homologar a perda, formando a fantasia que se constitui como um representante imaginário para a satisfação ($\$ \diamond a$), pois esta formação defensiva se dá a partir de um encontro com o real. A fantasia também se constituirá como a matriz dos desejos atuais para o sujeito, pois nela temos o plano imaginário e simbólico, no tocante a este último, temos o sujeito dividido e a partir dessa sua divisão temos a inserção do mesmo no universo da linguagem.

Ainda tomando como foco a fantasia, não podemos deixar de mencionar suas funções frente aos três registros Real, Simbólico e Imaginário (R,S e I). No plano do simbólico temos o sujeito dividido ($\$$); no plano imaginário o objeto pequeno a e por fim no plano do real, temos o real do a . Desde modo temos na fantasia a relação da pulsão com o sujeito do inconsciente, bem como a relação do véu da castração e do sujeito com o gozo.



A partir dessa relação do sujeito frente às satisfações das necessidades vitais, se cria uma relação com esse Outro, não só de satisfação, mas também de obediência tendo em vista que esse Outro é fonte de possíveis satisfações futuras. Desse modo, quando se oferta a satisfação das necessidades, gerar-se-á no *infans* a identificação com os seus ideais, culminando na alienação, pois o Outro oferta ao sujeito o objeto não só de satisfação, mas também a alienação frente aos significantes.

Desse modo entendemos que existe apenas um único mestre para o sujeito: a *pulsão*, que demanda sempre a satisfação. Nesse sentido é pela falta estruturante que o sujeito é lançado na cadeia de significantes na tentativa de obter uma possível satisfação do seu desejo.

Ao pretender representar o corte, a hiância, a letra escrita constitui uma espécie de recuperação da falta, do referente vindo do texto do inconsciente, graças ao qual a desordem se perpetua, a ordem libidinal se mantém [...] para que ela mesmo seja reprodução. Como a teia de aranha tece o espaço no qual ela se desdobra ao depositar nos entre fios armadilha, o texto parece dar conta do real (GARCIA, 2002, p. 13).

Segundo Silva (2007), temos no ensino de Lacan o ser humano como um ser imerso no universo da linguagem, nesse sentido o sujeito joga com as palavras na tentativa de construir o seu desejo. Temos em Freud o exemplo da brincadeira do seu neto com o carretel, o jogo do *fort-da* como construção de uma simbolização frente à ausência física de sua mãe, nesse sentido entendemos a brincadeira infantil como a possibilidade de metáforização do real.

No entanto, compreendemos também que o jogo de palavras infantis pode gerar prazer, sendo assim, as palavras ganham, no universo infantil, a possibilidade de gozo. Ou seja, a criança comporta-se tal qual um poeta, que extrai das palavras o prazer, é nesta inserção no mundo dos signos que a criança cria um mundo para si.

A questão que nos é colocada é se a criança ao se tornar adulto abandona o mundo de fantasia? A psicanálise nos ensina que o infantil é algo que acompanha o sujeito por toda a sua vida, pois a fantasia construída quando criança frente à castração é algo inerente ao sujeito, seja ele adulto ou criança. Não se trata, assim, de uma idade cronológica, mas sobretudo de uma condição de ser do sujeito.

Segundo Freud (1908), as pessoas ao crescerem abandonam determinados prazeres obtidos nas brincadeiras infantis, que se relacionam com a própria atividade de fantasiar. Não se trata de um abandono efetivo de determinadas atividades, mas de uma substituição das atividades em questão, por outras. Essas novas atividades são melhor

aceitas pela sociedade. Nesse sentido a fantasia no adulto é mais difícil de ser encontrada, pois o adulto se envergonha de suas fantasias, já que elas trazem à tona conteúdos proibidos.

Há muito mais a dizer sobre as fantasias, mas limitar-me-ei a salientar aqui, de forma sucinta, mais alguns aspectos. Quando as fantasias se tornam exageradamente profundas e poderosas, estão assentes as condições para o desencadeamento da neurose ou da psicose. As fantasias também são precursoras mentais imediatas dos penosos sintomas que afligem nossos pacientes, abrindo-se aqui um amplo desvio que conduz à patologia (FREUD, 1908, p.139).

Nesse sentido, Em *Escritores criativos e devaneios*, Freud nos aponta as semelhanças entre a atividade imaginativa do brincar infantil e as fantasias que os escritores possuem. Sendo assim, segundo o autor, o escritor criativo seria aquele capaz de seguir mesmo na fase adulta com as fantasias infantis.

Sklar (1989), ao retomar o jogo do *fort-da* de Freud, fazendo uma interlocução com o processo de criação artística nos diz que

É possível comparar o processo de criação do artista ao jogo do carretel. Da mesma forma que a criança joga o carretel por cima do berço repetindo uma sensação desagradável – a falta de uma pessoa querida, a mãe – o artista se debruça sobre a sua tela repetindo, possivelmente uma sensação desagradável: a possibilidade de representar na obra o disforme, algo que falta a forma. O singular é que, mesmo ao nível da morte, o artista resgata uma parte do seu corpo, já que a morte é uma pulsão. Sendo uma pulsão, a morte tem uma finalidade idêntica àquela que a vida possui. O artista está, assim, entre duas finalidades: a vida e a morte (SKLAR, 1989, p 96).

Nesse sentido, entendemos que a escrita da fantasia é um modo de responder no plano simbólico ao funcionamento de um desejo que por vezes é inenunciável. Cabe ainda ressaltar que embora a arte literária e a psicanálise trabalhem com a fantasia, esses campos de saber tem perspectivas diferentes, já que um tratamento analítico leva o sujeito a fazer uma travessia da fantasia.

A literatura é o conjunto dos escritos explicitamente alinhados sob o signo da ficção (à margem do técnico e do didático), que reelaboram esse passado frente de verdade secreta e que se acham submetidos de maneira direta à lei de seu conhecimento. Ler a ficção com os olhos da psicanálise permite ao mesmo tempo oferecer aos textos uma outra dimensão e observar a escritura na sua gênese e no seu funcionamento. A atividade literária ganha com isso um regime de sentido suplementar, além de ser reconhecida como subversiva enquanto trabalho do Outro. As estruturas universais e a inefável singularidade do sujeito humano talvez se encontrem assim apreciadas com mais justeza, logo com mais justiça (NÔEL, 1978, p. 97-98).

E é justamente pensando sobre a formação e consequências da fantasia na vida do sujeito que não podemos deixar de apontar uma função importante da escrita de Clarice Lispector, que é a possibilidade de reflexão, sobre a clínica do Real, clínica esta proposta por Jacques Lacan.

Definido como o impossível de representar, o Real é o que ultrapassa os campos do simbólico e imaginário, não podendo ser apreendido senão por meio de manifestações intrusivas na vida do sujeito (alucinações, por exemplo) ou do automatismo da repetição presente nos sintomas (gozo). Esse lugar vazio marca a cisão originária entre natureza e linguagem, constitui-se como uma realidade que sustenta todo e qualquer discurso (como retrata, literariamente, Clarice Lispector), sendo a ele inerente (PINTO, 2009, p. 82).

Em um de seus famosos axiomas, Lacan diz que “o Real é o impossível”, pois neste não existe uma representação dos campos do simbólico e imaginário, ou seja, é o próprio vazio de significantes.

Mas ainda revelando o gozo desse vazio, o Real, algo irrepresentável pela imagem ou pelo significante. Ironicamente, é pela falha estrutural do simbólico que o objeto presentifica sua ausência, invadindo a cena e lançando o sujeito no turbilhão de fragmentos surrealista, amálgamas de sexo e de morte (PINTO, 2009, p. 84).

Temos, portanto em Lacan, sob a forma de ato, a possibilidade de se tocar o inominável. Levando assim o sujeito a gozar não mais no seu corpo para um Outro, mas na letra transformada em escritura (metáfora), de um saber particularizado (PINTO, 2009). Nos questionamos até que ponto a escrita e a arte não podem ser consideradas como uma forma de ato.

Rivera (2007) nos apresenta o caso de uma artista que após ter um relacionamento de anos acabado de forma abrupta, decide criar um livro narrando o fim de sua relação, durante 90 dias, até que no fim desse livro nenhuma palavra é escrita. A artista objetivava com esse trabalho chegar a um ponto onde a sua história não precisaria ser mais contada, pois neste momento não haveria mais sentido, ela se depararia com o vazio. Esse exemplo nos faz pensar sobre do efeito da arte bem como a escrita pode ter para o artista/poeta. Não seria uma forma de cifrar o gozo, só que sem usar os recursos da psicanálise pura? Rivera, ao citar Colle, diz, que este considera a arte como uma espécie de trabalho analítico, sobretudo no que se refere às manifestações artísticas do século XX, que se assemelham ao que a psicanálise se propõe a fazer: despertar o efeito de sujeito.

Nesse sentido tanto a arte como a psicanálise convocam o sujeito para uma relação com a fantasia e, não só isso, como também há o ponto em que ambas as produções convocam o sujeito para a subversão do desejo. Por isso a relação do saber freudiano lança a psicanálise para a reflexão do ser humano que não se volta de forma exclusiva para a psicopatologia, porém na compreensão das várias maneiras de manifestação subjetiva.

A arte é capaz de descentrar um tanto a psicanálise ao relembrar sua posição de produto cultural, fruto de uma época e seus destinos. Após alguns exageros interpretativos por parte do próprio Freud e de alguns de seus seguidores, a psicanálise retoma uma posição de destaque na reflexão crítica acerca da cultura, ao mesmo tempo que se deixa questionar e transformar pelo saber acerca do sujeito transmitido pela arte (RIVERA, 2007, p. 13).

E é justamente por essa interação entre obra e criador, que pensamos sobre o efeito de espelhamento, que conseguimos pensar a relação que se estabelece entre obra e espectador, pois não é toda obra que captura o leitor. É preciso que se estabeleça entre obra e leitor uma relação de transferência, tendo esta, portanto, uma relação com a construção fantasmática do sujeito.

Tudo se passa finalmente como se a oportunidade de adivinhar no outro o reconhecimento complacente de uma fantasia considerada "aberrante" nos autorizasse a gozar dela por nossa própria conta, sem remorso: apresentada mais bela aqui, mais gasta lá (o que importa?), contanto que o benefício seja real? Seria preciso ainda aceder a isso - a essa efusão livre de qualquer vergonha. Por isso, "o interesse" deve ser despertado: uma atração positiva. E são eliminadas as resistências como antes e, para que nos entreguemos impetuosamente ao gozo erótico, abandonam-se as angústias ou friezas (NÖEL, 1978, p.38-39).

Concordando com Noël, Rivera afirma "Literatura e 'ciência' psicanalítica, contudo, visam ambas a certos efeitos, e nesta eficácia elas se conjugam e se confrontam na tentativa de ressuscitar a palavra mágica, única e sempre nova, atual em cada obra artística, em cada análise, em cada momento da clínica" (1999, p.47), desse modo, nessa relação entre a arte literária e a psicanálise, não se trata de impor à literatura as palavras da psicanálise, mas de buscar novas palavras. Criando assim uma relação de metáfora com a poesia e a arte, não se distanciando muito da construção metafórica que se faz em um tratamento analítico.

2. O DISCURSO DA HISTERIA

*“O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.*

*E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.*

*E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.”*

Autopsicografia, de Fernando Pessoa

Ao ler o romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, somos convocados a pensar alguns temas de grande mérito que são abordados pela Psicanálise. Ao nos apresentar Lóri, Clarice Lispector não apenas nos mostra um personagem de uma ficção literária, ela nos oferta a possibilidade de pensar questões importantes que são colocadas em um tratamento psicanalítico: a *histeria* e o *feminino*.

Ao lermos esse romance, nos deparamos com ideias fundamentais a respeito da clínica da histeria, já que temos em Lóri a personificação daquilo que se configura uma estrutura histérica. Cabe ressaltar que o nosso intuito com esse trabalho vai além de deitar a personagem em um divã e lhe ofertar um diagnóstico. Objetivamos refletir a histeria enquanto estrutura clínica, mas transpassando os traços estruturais na tentativa de compreender a histeria e as suas implicações na subjetividade humana.

Comprendemos que um tratamento psicanalítico passa por um momento imprescindível, denominado de *histericização* do sujeito. Segundo Nasio (1991), “todos os pacientes em análise atravessam inevitavelmente uma fase de histericização, momento no qual se instala a neurose de transferência com o psicanalista”. Nesse sentido compreendemos o objetivo de uma análise tendo por finalidade o fato de que o sujeito possa ocupar uma posição frente ao feminino, assumindo sua condição de *falta-a-ser*, ou seja, de sujeito castrado.

Comprendemos a histeria além de uma relação do sujeito com um estado doentio, mas de uma relação humana e suas formas de assujeitamento, a partir das fantasias. Entretanto ressaltamos que essas considerações são pertinentes quando estamos falando da clínica das neuroses, pois na clínica das psicoses o objetivo da

análise visa a uma estabilização e não a desalienação do Outro. Para alcançarmos um dos objetivos deste trabalho, se faz necessário uma digressão histórica no próprio percurso de Freud com a histeria na tentativa de contextualizar a histeria no discurso e dispositivo psicanalítico.

A histeria constituía-se como o grande mal-estar do fim do século XIX. Foi a partir da escuta com as histéricas que Sigmund Freud fundou o conceito de *inconsciente* entrelaçado numa nova forma de se pensar o sofrimento e o ser humano. O saber psicanalítico acaba rompendo com todas as explicações científicas da época. Sendo assim, este conceito se constitui como a terceira ferida narcísica da humanidade, pois nesta a desrazão se coloca como norte, ou seja, o homem não possui um domínio pleno de seus pensamentos nem de suas ações. Cabe ressaltar que a Psicanálise surge em um período marcado pela ideologia positivista de se pensar o conhecimento, nesse sentido todas as descobertas ditas científicas tinham que ser comprovadas empiricamente.

Mas a megalomania humana terá sofrido seu terceiro golpe, o mais violento, a partir da pesquisa psicológica da época atual, que procura provar ao ego que ele não é senhor nem mesmo em sua própria casa, devendo, porém, contentar-se com escassas informações acerca do que acontece inconscientemente em sua mente. Os psicanalistas não foram os primeiros e nem os únicos que fizeram essa invocação à introspecção; todavia, parece ser nosso destino conferir-lhe expressão mais vigorosa e apoiá-la com material empírico que é encontrado em todas as pessoas. Em consequência, surge a revolta geral contra nossa ciência, o desrespeito a todas as considerações de civilidade acadêmica e a oposição se desvencilha de todas as barreiras da lógica imparcial. Em ademais de tudo isso, perturbamos a paz deste mundo também de uma outra forma, conforme em breve os senhores ouvirão (FREUD, 1917, p.292).

Os estudos de Freud sobre a histeria começaram com sua participação em um estágio no hospital Salpêtrière na França, foi neste período que conheceu a prática de Charcot com relação a teoria e tratamento da histeria. O grande mérito de Charcot foi pensar uma nosologia para essa patologia, tirando-a dos estigmas da época, onde os sintomas histéricos eram interpretados como uma encenação, ou seja, uma farsa, sendo importante ressaltar que na Idade Média aquilo que era julgado como feitiçaria e bruxaria, aproximava-se, em muito, das características clínicas da histeria.

Durante as últimas décadas, é quase certo que uma mulher histérica seria tratada como simuladora, do mesmo modo que, em séculos anteriores, certamente seria julgada e condenada como feiticeira ou possuída pelo demônio. Sob outro aspecto, é possível que até se tenha dado um passo atrás no conhecimento da histeria. A Idade Média estava familiarizada de modo preciso com os 'estigmas' da histeria, seus sinais somáticos, e os interpretava e utilizava à sua própria maneira. No departamento de ambulatório, em Berlim, contudo, verifiquei que esses sinais somáticos da histeria eram

praticamente desconhecidos e que, em geral, quando se fazia um diagnóstico de “histeria”, parecia estar eliminada qualquer motivação para se obter mais algum informe a respeito do paciente (FREUD, 1896, p.45).

Nesse sentido, Charcot percebe que a etiologia da histeria tem uma raiz psíquica em detrimento de uma causa biológica e organicista. Para a comprovação desta causalidade ele se utilizou do método hipnótico para demonstrar que os sintomas que os pacientes apresentavam poderiam ser eliminados sob hipnose.

Também não perdi a ocasião de adquirir um conhecimento pessoal dos fenômenos do hipnotismo, que são tão surpreendentes e aos quais se dá tão pouco crédito, e, em especial, do '*grand hypnotisme*' ['grande hipnotismo'] descrito por Charcot. Com surpresa, verifiquei que nessa área determinadas coisas aconteciam abertamente diante dos nossos olhos e que era quase impossível duvidar delas; assim mesmo, eram tão estranhas que não se podia acreditar nelas, a menos que delas se tivesse uma experiência pessoal (FREUD, 1886, p. 47).

Todavia, esse método se mostrou insuficiente para o tratamento da histeria, pois ele eliminava os sintomas quando a consciência se encontrava em um estado alterado, o que acabava por ocasionar um retorno dos sintomas (*idem*, 1888). Um dos méritos de Freud consiste em perceber esse ponto insuficiente do método hipnótico. Outra percepção do médico vienense que o fazia se distanciar das considerações do seu mestre sobre a histeria constituía em inferir que a causa geradora do sintoma histérico tinha como base uma ideia cujo conteúdo essencialmente tinha caráter sexual. Segundo Freud, a histeria seria provocada por uma incapacidade do eu em neutralizar a representação sexual:

Assim, partindo do método de Breuer, vi-me envolvido em considerações sobre a etiologia e o mecanismo das neuroses em geral. Tive sorte o bastante para chegar a alguns resultados úteis num prazo relativamente curto. Em primeiro lugar, fui obrigado reconhecer que na medida em que se possa falar de causas determinantes que levam à aquisição de neuroses, sua etiologia deve ser buscada em fatores sexuais. Seguiu-se a descoberta de que diferentes fatores sexuais, no sentido mais geral, produzem quadros de distúrbios neuróticos (1893, p.273).

Nesse sentido, é criada uma nova forma de tratamento, o *método catártico*, que consistia em que os pacientes, sob hipnose, falassem sobre os traumas, já que nesses estariam as causas que geravam as experiências desagradáveis. Ademais, a cena traumática estaria sempre localizada no período da primeira infância, cujo conteúdo tinha sempre o caráter sexual.

Agora poderá ficar claro por que o método psicoterápico que descrevemos

nestas páginas tem um efeito curativo. Ele põe termo à força atuante da representação que não fora ab-reagida no primeiro momento, ao permitir que seu afeto estrangulado encontre uma saída através da fala; e submete essa representação à correção associativa, ao introduzi-la na consciência normal (sob hipnose leve) ou eliminá-la por sugestão do médico, como se faz no sonambulismo acompanhado de amnésia (*idem*, 1883, p. 52).

Em *Um estudo autobiográfico* (1925), Freud faz um breve histórico do percurso da Psicanálise, nesse sentido ele aponta as contribuições importantes que o método hipnótico tinha na medida em que o paciente conseguia fazer um tratamento catártico, ou seja, o sujeito revivia sob hipnose as cenas traumáticas. Entretanto na medida em que obtinha experiência na clínica, o pai da psicanálise observa que, embora houvesse uma ab-reação do afeto, havia também uma alteração no estado de consciência que ocasionava uma não elaboração da cena traumática. A hipnose não permitia que o paciente tivesse acesso aos conteúdos inconscientes, não havendo uma “cura” dos sintomas:

Quando o paciente despertava do seu estado de sonambulismo parecia haver perdido toda recordação do que tinha acontecido enquanto se encontrava naquele estado. [...] Determinei que agiria da mesma forma. Meus pacientes, refleti, devem de fato ‘saber’ todas as coisas que até então só tinham sido tornadas acessíveis a eles na hipnose; e garantias e encorajamento da minha parte, auxiliados talvez pelo toque da minha mão, teriam, pensei, o poder de forçar os fatos e ligações esquecidos na consciência. Sem dúvida, isto parecia um processo mais laborioso do que levar os pacientes à hipnose, mas poderia resultar como sendo altamente instrutivo. Assim, abandonei o hipnotismo, conservando apenas meu hábito de exigir do paciente que ficasse deitado num sofá enquanto eu ficava sentado ao lado dele, vendo-o, mas sem que eu fosse visto. (*idem*, 1925, p. 34).

Contudo, é com a paciente Elizabeth Von R. que Freud abandona de vez a hipnose, pois ele irá perceber que alguns pacientes não conseguem ser hipnotizados, bem como o método não parece ser eficiente para a remoção de determinados sintomas. Outro ponto importante para a ruptura com a hipnose é a própria indicação da paciente em questão, quando esta o pede para não ser hipnotizada, solicitando a permissão para falar livremente. Surgindo assim, o método da *associação livre*:

Ocorreu assim que nesta, que foi a primeira análise integral de uma histeria empreendida por mim, cheguei a um processo que mais tarde transformei num método regular e empreguei deliberadamente. Esse processo consistia em remover o material psíquico patogênico camada por camada e gostávamos de compará-lo à técnica de escavar uma cidade soterrada. Eu começava por fazer com que a paciente me contasse o que sabia e eu anotava cuidadosamente os pontos em que alguma sequência de pensamentos permanecia obscura ou em algum elo da cadeia causal parecia estar faltando. E depois penetrava em camadas mais profundas de suas lembranças nesses

pontos, realizando uma investigação sob hipnose ou utilizando alguma técnica semelhante (*idem*, 1893, p. 164-165).

Embora o conteúdo do trauma seja recalçado, o afeto que essa experiência contém não o é. Assim, para que houvesse uma possível cura seria necessário que o afeto relacionado ao trauma fosse ab-reagido, ou seja, que ele fosse elaborado. Essa elaboração dar-se-ia a partir da fala, onde a recordação, repetição e elaboração seriam condições essenciais para o novo método de tratamento, qual seja, o da associação livre. Com o surgimento dessa nova prática temos o nascimento da psicanálise.

O diferencial desse método com relação aos outros (método hipnótico e catártico), é que nele, Freud levará em consideração a resistência que o paciente traz com relação ao acesso aos conteúdos recalçados. Desse modo, o material inconsciente poderia ser acessado a partir dos sonhos, chistes, atos falhos, sintomas e lapsos.

A partir do que já foi exposto, é impossível falar do histórico da psicanálise sem mencionar a primeira paciente de Freud, “Anna O”. Essa paciente foi encaminhada ao jovem médico vienense, por seu amigo Breuer, pois se dizia “apaixonada” pelo seu médico, chegando a citar em um de seus ataques uma possível gravidez do mesmo. Ele não soube como manejar os fatos e, para evitar conflitos com a sua esposa, acabou por encaminhar o caso para Freud. Todavia, Breuer deixou de perceber um dos pontos fundamentais da teoria e técnica psicanalítica, qual seja, o conceito de *transferência*. Esse conceito será percebido por Freud, constituindo-se como um dos pontos mais importantes do tratamento psicanalítico, pois Freud perceberá que, a transferência será uma ferramenta que possibilitará o acesso ao conteúdo inconsciente, fazendo com que as resistências que os pacientes tinham fossem diminuídas e assim fosse possível se trazer a tona os conteúdos recalçados.

E é justamente a partir da escuta clínica, feita inicialmente às pacientes histéricas que Sigmund Freud, irá construir a teoria psicanalítica sobre o funcionamento psíquico. Tal teoria está subdividida em duas tópicas (primeira e segunda). Cada uma dessas possuindo suas peculiaridades no tocante à satisfação pulsional. Nesse sentido, é importante ressaltar que a psicanálise traz contribuições teóricas extremamente pertinentes com relação não só à histeria, mas a outras estruturas clínicas que não se limitam apenas à clínica da neurose – onde temos a histeria, a neurose obsessiva e os quadros de fobias (que podem se apresentar em todas as estruturas clínicas) –, mas também na psicose e na perversão. No entanto, como o foco deste trabalho visa uma

compreensão da neurose histérica, não colocaremos em evidência as outras estruturas clínicas.

Tomando as considerações sobre a histeria, tendo como base a escrita freudiana, Nasio (1991) nos diz que a primeira teoria freudiana, a histeria, como qualquer outra neurose, é oriunda de uma ação patogênica de uma representação psíquica, não consciente e intensamente carregada de afeto, essa ideia parasita o mundo psíquico do histérico:

Freud estava convencido- mudaria de opinião posteriormente – de que o doente histérico havia sofrido, durante sua infância, uma experiência traumática. Apanhada desprevenida, a criança fora a vítima impotente de uma sedução sexual efetuada por um adulto. A violência desse acontecimento residia na irrupção intempestiva, na criança, uma emoção sexual excessiva, que a inundava e da qual ela não tinha nenhuma consciência (p. 26).

A partir do que foi posto, essa neurose é provocada pela incapacidade do eu em neutralizar o “parasita” interno que se constitui como uma representação sexual não suportável. Desse modo surgirá o recalçamento, como uma forma de defesa do eu contra essa representação patogênica, só que esse mecanismo acaba por se constituir como uma forma inadequada, para aquilo que ele pretende neutralizar.

A rigor, não há uma solução radical, isto é, não há um escoamento liberador, mas apenas soluções de compromisso, todas elas constituindo no investimento de outras representações menos perigosas do que a representação intolerável. Trata-se, portanto, de um deslocamento de energia; para sermos mais exatos, deveríamos dizer que se trata de uma transformação de energia um estado primário num estado secundário (*idem*, p.29).

A partir desse recalque podem surgir três fenômenos: a obsessão, a fobia e a conversão. Sumariamente, na primeira temos um deslocamento da carga emocional que se separa da representação dolorosa se fixando no pensamento, onde haverá um superinvestimento em uma ideia consciente. O segundo fenômeno, a fobia, se assemelha com a obsessão já que a carga de afeto e representação serão separadas, porém a carga fica inicialmente livre, a espera para que posteriormente se projete em algum objeto do mundo externo, se fixando em um elemento na tentativa de fugir da angústia. Isto posto, podemos pensar no primeiro fenômeno, os rituais obsessivos, que se manifesta no próprio corpo e/ou pensamentos; já no segundo fenômeno, o afeto se instala no objeto fóbico, onde podemos fazer menção ao caso do pequeno Hans, que apresentou medo excessivo do cavalo; por fim teremos a conversão, nesse fenômeno ocorre a transformação da carga sexual em um influxo nervoso, que ocasionará um

sofrimento somático, desse modo entendemos que a conversão é uma transformação, tomando como foco o sentido econômico do funcionamento psíquico. O sofrimento do sintoma somático é considerado uma energia equivalente a energia da excitação do trauma inicial, ou seja, equivalente ao excesso de afeto sexual, como nos esclarece Nasio:

Essa permanência de um mesmo excesso de energia, portanto, é o que justifica o sentimento do psicanalista quando, diante das manifestações somáticas de natureza histérica, passa a reconhecer nelas a expressão substituta de um orgasmo sexual. Mais exatamente, de um orgasmo obtido através da masturbação, pois não esqueçamos de que a sexualidade do histérico permanece essencialmente com uma sexualidade infantil (1991, p. 31).

Pensando ainda as considerações sobre a conversão, entendemos que esta não se constitui como uma solução eficaz, pois não soluciona a dificuldade principal que origina a neurose (histeria), já que ainda se observará uma incompatibilidade entre as representações que constituem o eu do histérico.

A partir do que foi posto podemos pensar que a função da escuta e a interpretação do analista, funcionam como um conjunto de representações, nesse sentido a escuta do analista integra e dissipa aquilo que o sujeito recalca e concentra, podendo haver inclusive um desaparecimento dos sintomas conversivos. Desse modo, entendemos que a escuta pode funcionar tanto no registro energético quanto no simbólico. Entretanto, não basta que o paciente seja apenas escutado, ou que ele fale de seus sintomas conversivos, é preciso que nessa fala haja de uma relação transferencial.

Contudo a ideia freudiana sobre a *teoria da sedução* para a causa da neurose histérica, não se constituirá mais como um dos pontos fundamentais de sua teoria. Freud perceberá que a origem da histeria se relacionaria com uma fantasia inconsciente e não mais com uma representação, desse modo a conversão estaria relacionada a uma angústia de uma fantasia e não a uma carga oriunda de uma representação. Assim Freud, começa a pensar o desenvolvimento infantil junto ao desenvolvimento do corpo pulsional. Desse modo, as experiências vividas pelas crianças nos diferentes níveis das zonas erógenas (boca, ânus, músculo, pele e olhos), em cada zona mencionada podia exercer o valor de trauma. Nesse sentido a experiência traumática não teria caráter fundamentalmente posto em uma experiência real, mas estaria atrelado ao próprio desenvolvimento infantil frente à maturação no que tange à sexualidade.

A fantasia se dá a nível inconsciente, sendo assim uma resposta psíquica para conter o excesso de energia, que se constitui como o impulso do desejo, como nos aponta Nasio:

Para Freud – e para nós atualmente –, o termo 'trauma' já não se referia essencialmente à ideia de um evento externo, mas designava um acontecimento psíquico carregado de afeto, um verdadeiro micro-trauma local, centrado numa região erógena do corpo e consistindo na ficção de uma cena traumática, que a psicanálise deu o nome de *fantasia*. Naturalmente, o fato de a fantasia ser um trauma não quer dizer que todos os traumas sejam fantasias (1991, p. 38).

Segundo Dor (1997), a estrutura histérica possui traços que põem em evidência a dialética do desejo e do jogo fálico. O ponto de cristalização desse jogo fálico se coloca em torno da problemática de *ter* ou *não ter* o falo. No caso da personagem do romance percebemos esse jogo dialético posto quando Lóri faz menção ao dinheiro de seu pai, bem como ao conhecimento filosófico de Ulisses, colocando ambos como detentores de um poder, o qual a ela não é atribuído.

Faz-se necessário para a compreensão da problemática histérica entre ter e não ter o falo, a partir do entendimento de como se dá a passagem desses sujeitos pelo complexo de Édipo, tendo em vista que o modo como o sujeito passa pelo Édipo determinará seu funcionamento psíquico. Para tanto, tomaremos como contribuição as considerações de Jacques Lacan, a partir de uma releitura da obra freudiana. Desse modo, existem três tempos no Édipo. Sumariamente teremos, no primeiro momento, a criança sendo o falo da mãe, onde a função paterna não se faz presente. Nesse tempo, se estruturam as psicoses, já que a problemática para a criança se dá, em torno de *ser* o falo da mãe, sem nenhum tipo de vacilação dessa certeza.

No segundo tempo começa a surgir a incerteza psíquica entre ser ou não o falo para a mãe, temos o início da inserção da função paterna e é nesse tempo que está estagnada a neurose obsessiva. O terceiro tempo é caracterizado pela inserção efetiva da função paterna na relação mãe/criança, onde o nome do pai desaloja a criança do lugar de objeto tampão para o desejo materno. Cabe ressaltar que, na neurose obsessiva, o sujeito passa pelo terceiro tempo, mas a problemática fica alojada no segundo tempo. Entretanto, o sujeito histérico consegue atravessar os três tempos, onde teremos a problemática central entre ter ou não ter o falo. O pressentimento da castração faz com que a criança perceba que não é o falo da mãe, posteriormente ela perceberá que não é,

bem como também não tem o falo, desse modo o pai simbólico se instaura e com ele a castração.

Como consequência da passagem pelo Édipo, o jogo histérico se dá a partir de uma constante tentativa a ascensão do falo. Quando instalado esse momento ocorre o declínio do complexo em questão. Como em um determinado tempo o Pai dá a prova de sua atribuição fálica, a sintomatologia do histérico acontece na tentativa de dar a prova sua atribuição fálica. Nesse sentido o sujeito interrogará constantemente sobre a atribuição fálica do pai. Segundo Dor (1997), “os histéricos são militantes do ter”.

Observamos a presença dos sintomas de conversão referentes aos traços estruturais desse tipo de sujeito, embora possam se fazer presentes também os sintomas fóbicos, que se relacionam com os quadros de angústias. No caso da personagem analisada no romance de Clarice Lispector, percebemos na descrição literária a presença de conversão, relacionada com quadros de angústia que ocorriam em detrimento ao possível encontro amoroso com Ulisses. A angústia de Lóri era tamanha que ela chegou ao ponto de peregrinar na praia durante a madrugada até o sol raiar, na tentativa de sentir-se mais plena, de não se deparar com a escolha do objeto amoroso.

Um ponto importante com relação a essa estrutura clínica em questão é o modo como se dá a alienação subjetiva com relação ao desejo do Outro. Essa relação com o Outro influenciará a forma como estes sujeitos tratam seu analista, ora amando-o, ora odiando-o.

Se fundamentalmente, o objeto de desejo edipiano, o falo, é aquilo de que o histérico se sente injustamente privado, ele não pode delegar a questão de seu desejo a não ser aquele que é suposto tê-lo. Nesse sentido o histérico não interroga a dinâmica do seu desejo senão junto ao Outro, que é sempre suposto deter a resposta ao enigma da origem e do processo do desejo em questão (DOR, 1997, p.69).

A partir dessa relação com o desejo do Outro, podemos pensar o mecanismo de identificação presente na estrutura histérica. Nesse sentido o sujeito toma o outro como modelo, na tentativa de conhecer a resposta ao enigma do desejo, se inserindo assim em um processo denominado de identificação. Esse processo de identificação se constitui como uma característica fundamental na estrutura histérica, é a sua relação com quem o sujeito toma como senhor. Com relação a esse processo, tomemos algumas considerações sobre o caso Dora, apresentado por Freud. Nesse caso percebemos a problemática em torno do senhor e senhora K. Freud achava que o desejo de Dora voltava-se para o Senhor K, na tentativa de ofertar a Dora um homem ao que ela não

precisava. O pai da psicanálise acaba por não perceber que a problemática de Dora girava em torno da questão sobre o que era *ser uma mulher*. Na verdade Dora tomava a Senhora K. como modelo para apoiar a sua própria feminilidade. Ou seja, a senhora K. funcionava para ela como alguém que detinha algum saber sobre o que era ser uma mulher.

Ao fazer referência à escrita lacaniana, Dor (1997) nos diz da necessidade do histérico em ter alguém no lugar de senhor, mestre este que tem uma função da qual ele possa questionar o saber. Desse modo percebemos no romance a posição que Ulisses ocupa para Lóri, um lugar de senhor, que detém um saber sobre ela, e sobre o seu desejo, entretanto ela se coloca frente a esse saber como se ela mesma fosse a única a ter algum saber sobre si mesma, ela encontrará na própria solidão de estar com Ulisses uma forma de saber sobre si. Lóri chega a questionar sua feminilidade tomando como base a estética ou mesmo a identificação imaginária como outras mulheres, sejam as suas colegas de trabalho ou até mesmo mulheres desconhecidas nas quais ela admira aquilo que portam.

Ainda tomando como base as contribuições teóricas de Dor com relação à identificação histórica, podemos pensá-la como uma identificação militante e/ou identificação de solidariedade. Os históricos são sujeitos que colocam seus talentos e dotes para se satisfazerem na tentativa de receberem o prestígio que eles supõem que o outro recebe. Nesse sentido o aspecto sacrificial opera como um dado a ver, ou seja, quando o sujeito tenta servir ao outro, há uma tentativa de mostrar a si próprio. Na obra analisada percebemos essa característica estrutural em Lóri, uma professora primária cujos alunos não possuíam condições sócio-econômicas elevadas, desse modo, no inverno, ela compra para todos casacos e guardas-chuvas vermelhos com a mesada que o seu pai lhe enviava mensalmente.

Como a problemática do histérico se coloca sobre os pilares de ter ou não ter o falo, no plano da identificação, o histérico privilegia o ser. Em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* isto se apresenta de forma acentuada, quando percebemos a tentativa da personagem em ser algo semelhante a Ulisses, já que ela supunha em seu amado um saber sobre a existência, o qual ela mesma não tinha galgado, desde modo temos em Lóri uma tentativa constante de ser tão sábia sobre si quanto supunha que Ulisses fosse.

É bastante comum na clínica da histeria termos uma constante queixa com relação à mãe, queixam-se de que não foram amados o suficiente por este Outro. A

partir desse ponto, podemos pensar a forma como o sujeito histérico se apresenta ao Outro estando sempre de forma incompleta ou como objeto desvalorizado.

No tocante a personagem Lóri, percebemos esta característica histórica com relação a sua imagem corporal, bem como com a sua inteligência. Desse modo ela se coloca para Ulisses sempre como objeto desvalorizado.

O histérico identifica em um outrem, com uma percepção muito aguçada, o sinal de um poder humilhante que o torna infeliz, ou de uma impotência comovedora que ele se apieda, mas que é incapaz de remediar. Em suma, quer se trate do poder humilhante que o torna infeliz, ou de uma impotência comovedora de que ele se apieda, mas que ele é incapaz de remediar. Em suma quer se trate do poder do outro ou da falha no outro, seja com o Outro de sua fantasia ou com o outro de sua realidade, é sempre a insatisfação que o eu histérico faz questão de encontrar como sua melhor guardiã (NASIO, 1991, p.16).

Dor (1997), mencionando as contribuições freudianas sobre a histeria, nos diz que com relação ao desejo, na histeria a característica é que o desejo possa estar sempre de forma insatisfeita. Ou seja, o histérico quer que o seu desejo permaneça insatisfeito. Esse ponto nos faz compreender que além da beleza literária posta na longa espera de Lóri para poder se ofertar de forma plena a Ulisses frente ao possível encontro sexual com ele. Teremos antes de tudo uma forma do seu desejo ficar insatisfeito.

Nesse sentido podemos pensar que os esforços da satisfação histórica são colocados a serviço de uma identificação fálica, ou seja, o sujeito se coloca para o Outro como objeto de vislumbre de fascínio. Desse modo, instala-se um narcisismo fálico na tentativa de se encenar como objeto ideal para o desejo do outro, essa encenação pode ser feita tanto com o corpo, quanto com a palavra.

Em nome deste ideal, parece evidente o *cuidado de perfeição* vai mobilizar a mulher histérica sem descanso. Trata-se, aliás, mais exatamente, de uma existência na relação com a perfeição que encontrará, justamente, seus suportes privilegiados em certos estereótipos culturais e ideológicos, a começar por esta conclusão entre o *belo* e o *feminino*. Uma coisa é constatar na mulher histérica o quanto o cuidado com o belo é um constante perseguidor, outra coisa é ver como o belo vem encaixar-se no feminino ao preço de suplantá-lo (DOR, 1997, p. 76).

Outro ponto a ser destacado na histeria é a forma como esses sujeitos estabelecem uma relação com o sexo do outro, nesse sentido Dor mostra que “é sempre desejo do falo do outro” (1997, p.75). Essa relação do sujeito com o sexo será direcionada a partir da sua relação com a falta. A partir desse ponto podemos pensar a posição estereotipada do histérico se constituindo como uma atribuição fálica ao outro,

como uma tentativa de não se deparar com a falta. A busca desenfreada pela perfeição se constitui como uma forma do sujeito não se deparar com a própria imperfeição, nesse sentido teremos a tentativa constante de se apresentar sempre mais atraente ao olhar do outro.

No texto *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar* (1883), Freud e Breuer nos apontam que os histéricos são sujeitos que sofrem de reminiscências. Desse modo, temos nesses sujeitos um traço estrutural a ser destacado, o que diz respeito à escolha do objeto amoroso. Com relação a esse ponto há no sujeito histérico uma constante dúvida na tomada de decisão. Na obra analisada percebemos que, em alguns momentos de reflexão de Lóri frente a sua escolha objetal, ela se questiona quanto à continuidade do seu romance (aprendizagem) com Ulisses ou sobre retornar a relacionamentos com alguns homens com quem já havia se envolvido outrora.

E é justamente nesse sentido que podemos pensar a escolha do objeto amoroso. Geralmente esta escolha se dá o mais distante do ideal de perfeição, que o sujeito histérico idealizou. Entretanto não podemos deixar de perceber no plano imaginário a existência de um investimento na tentativa de deixar esse objeto, em um lugar idealizado de perfeição. Desse modo a histérica tende a se desinteressar por seus parceiros amorosos, pois o único que realmente importa é aquele que para ela se põe como impossível.

Porém não podemos deixar de fazer menção à questão fundamental para a histérica que repousa na elucubração o que é ser uma mulher?. Ainda com relação a esta questão, podemos perceber na histeria uma constante utilização do discurso do outro, desse modo a mulher elege um modelo na tentativa de apoiar a sua própria feminilidade.

Convém, de fato, observar que a histérica se faz representar na expressão de seu desejo pelo viés de uma identificação com a posição masculina do homem doente da Mulher. Se a histérica 'se faz de homem', como afirma Lacan, é na medida em que tenta cercar a feminilidade à maneira masculina, elevando-a ao nível de mistério escondido no furo do corpo (ANDRÉ, 1986, p.139)

Segundo Nasio (1991), na histeria temos no corpo uma especificidade, quando comparada às outras estruturas clínicas. Nesse sentido na histeria o corpo se apresenta sexuado.

Outro traço clínico da histeria, ao qual voltaremos com muita frequência, concerne também ao corpo, mas compreendido como um corpo sexuado. O corpo do histérico realmente sofre por se dividir entre a parte genital, surpreendentemente anestesiada e atingida por fortes inibições sexuais (ejaculações precoces, frigidez, impotência, aversão sexual etc.) e todo o resto não-genital do corpo, que, paradoxalmente, aparece muito erotizado e sujeito a excitações sexuais permanentes (NASIO, 1991, p. 14).

Nasio aponta uma questão fundamental com relação a clínica da histeria, que diz respeito a um eu insatisfeito. Um histérico é um ser de medo, que busca amenizar a angústia e não encontra outra forma senão a de manter incessantemente o estado de insatisfação. Não podemos deixar de observar esse estado de busca de insatisfação na personagem principal do romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, o que se coloca para Lóri não é poder satisfazer-se junto a Ulisses, mas poder desejá-lo cada vez mais, chegando um ponto em que a descrição literária de um encontro tange o quase o divino. Para manter este estado de constante insatisfação observamos no romance supracitado, intervalos onde a personagem se angustia, adiando o encontro amoroso com Ulisses com medo de se sentir plena.

Antes de tudo, a busca de Lóri é pelo vazio, mesmo que no fim do romance tenhamos a descrição do encontro amoroso em um estado de quase plenitude. Ela percebe que depois da relação sexual, Ulisses não a deixa mais completa, inclusive ele lhe diz que não pode ser todo dela, mesmo assim, frente a essa frustração, ela permanece na relação amorosa.

Frente ao que foi posto por Nasio (1991), podemos pensar sobre outro medo para esse tipo de sujeito que seria a possível satisfação de um gozo máximo. Se vivenciado esse gozo levaria o sujeito à loucura ou ao próprio esvanecimento de si. Desse modo o sujeito tenta de todo modo evitar as experiências que possam convocá-lo de forma branda ou intensa a uma plena satisfação.

Em suma, o problema do histérico é, antes de mais nada, seu medo, um medo profundo e decisivo, jamais sentido, mas atuando em todos os níveis de seu ser; um medo concentrado num único perigo: o fato de gozar. São justamente o medo e a recusa obstinada a gozar que ocupam o centro da vida psíquica do neurótico histérico. Pois bem, para afastar essa ameaça de gozo maldito e temido, o histérico inventa inconscientemente um cenário fantasístico destinado a provar a si mesmo e ao mundo que só existe gozo insatisfeito (NASIO, 1991, p. 16).

Serge André aponta que a problemática com relação às consequências do Édipo e da lei da castração no que se refere à mulher e como isto terá implicações para a feminilidade:

Esta divisão da posição feminina não exerce apenas sua determinação no plano da identidade do sujeito, mas igualmente no plano de seu gozo. O fato que o falo tenha como efeito cindir, mais que unificar, a posição feminina, vale também para o gozo dito fálico. Nessa posição uma mulher sente que uma parte de si mesma está presa no gozo fálico, situando-se a outra naquilo que Lacan chama de 'gozo do Outro' ou 'gozo do corpo' (1986, p. 222).

Nesse sentido, a feminilidade se coloca como algo que não pode estar inteiramente imerso na lei da castração, ou seja, existe uma lógica de gozo que se coloca para além da lógica fálica exposta em grande parte da obra freudiana. Isto posto, entendemos que a feminilidade se coloca como algo que está além da ordem da oposição entre vagina e clitóris, mas em um processo de uma divisão que vai além de uma castração.

3. A ESCRITA DO FEMININO

“Não havia senão faltas e ausências”

Clarice Lispector

Ao longo da obra freudiana percebemos que o pai da psicanálise passa a se questionar não só sobre a histeria e a sua contribuição para a compreensão do funcionamento psíquico humano, mas, principalmente, sobre as implicações do complexo de Édipo para as meninas. Nesse sentido, Freud começa a pensar sobre o percurso normal do caminho para a transformação da menina em mulher.

Sendo assim, podemos observar que a histeria se constituiu como o ponto de partida para os questionamentos da teoria psicanalítica, entretanto não podemos deixar de perceber as importantes contribuições apontadas na letra freudiana sobre o feminino. Cabe ressaltar que é na obra do psicanalista francês Jacques Lacan que também encontraremos um aporte teórico para refletir sobre o feminino e os modos de gozo, que podem ser pensados para além da lógica fálica. E é justamente nesse sentido que, ao longo desse capítulo, faremos referência às principais contribuições freudianas sobre os pontos fundamentais do desenvolvimento psíquico das mulheres. Para depois entrarmos nas contribuições lacanianas sobre o feminino.

Durante o percurso freudiano observamos uma referência central na explicação do desenvolvimento psíquico o complexo de Édipo. A partir deste, podemos pensar a satisfação da libido, bem como a relação do sujeito com os objetos amorosos, em detrimento aos primeiros objetos amorosos pai e mãe, ou quem ocupa estas funções.

Temos no texto *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (FREUD, 1925) o apontamento freudiano sobre o complexo de Édipo onde as suas explicações são perfeitamente coerentes com o desenvolvimento sexual do menino. Entretanto, quando Freud começa a se questionar sobre o desenvolvimento da menina, as explicações que eram postas para os meninos passam a não ser tão coerentes:

Nas meninas, o complexo de Édipo levanta um problema a mais que nos meninos. Em ambos os casos, a mãe é o objeto original, e não constitui causa de surpresa que os meninos retenham esse objeto no complexo de Édipo. Como ocorre, então, que as meninas o abandonem e, ao invés, tomem o pai como objeto? Perseguindo essa questão pude chegar a algumas conclusões capazes de lançar luz exatamente sobre a pré-história da relação edípiana nas meninas (*idem*, p. 280).

A partir de algumas análises feitas com mulheres, Freud começa a se indagar sobre a relação que estas estabelecem com o pai como sendo uma forma de fazerem um deslocamento do primeiro objeto amoroso a mãe, cuja criança (tomando como específico o desenvolvimento psicosexual da menina) toma como castrada, desse modo a libido da menina se desloca para o pai na tentativa de conseguir dele um pênis, tendo isso como impossível, ela esperará que o pai lhe dê um filho.

A esperança de algum dia obter um pênis, apesar de tudo, e assim tornar-se semelhante a um homem, pode persistir até uma idade incrivelmente tardia e transformar-se em motivo para ações estranhas e doutra maneira inexplicáveis (*idem*, p. 281).

Nesse sentido, Freud aponta que ao analisar mais profundamente a relação entre as mulheres e seus pais, pontuando a existência de algo que se coloca na pré-história, esta relação seria uma formação secundária. Ainda nos aponta que nessa pré-história se colocaria a descoberta do pênis por parte das meninas, e a constatação de que são castradas, desse modo, se instala uma *inveja do pênis*:

Mesmo após a inveja do pênis ter abandonado seu verdadeiro objeto, ela continua existindo: através de um fácil deslocamento, persiste no traço característico do *ciúme*. Naturalmente, o ciúme não se limita a um único sexo e tem um fundamento mais amplo, porém sou de opinião que ele desempenha um papel muito maior na vida mental das mulheres que na dos homens e isso se deve ao fato de ser enormemente reforçado por parte da inveja do pênis deslocada (*idem*, p. 282).

Entretanto não podemos deixar de reconhecer um ponto fundamental do questionamento freudiano sobre o desenvolvimento feminino no tocante ao complexo de Édipo: se a ameaça de castração faz com que o menino mude de objeto amoroso deslocando-se da relação com a mãe para o pai, se identificando assim com este, fazendo com que o menino abandone o complexo de Édipo; na menina essa passagem pelo Édipo não se dá da mesma forma, pois ao perceber que a mãe é castrada, ela se dirige ao pai. Mas o que faz com que as meninas abandonem o complexo de Édipo?

Nas meninas está faltando o motivo para a demolição do complexo de Édipo. A castração já teve seu efeito, que consistiu em forçar a criança à situação do complexo de Édipo. Assim, esse complexo foge ao destino que encontra nos meninos: ele pode ser lentamente abandonado ou lidado mediante a repressão, ou seus efeitos podem persistir com bastante ênfase na vida mental normal das mulheres (*idem*, p. 286).

Uma possível resposta a questão citada acima podemos pensar tomando como base o texto freudiano a *Sexualidade Feminina* (1931), onde teremos uma explanação

maior sobre a problemática feminina. Nesse texto Freud, cita o fato de que existem casos em que determinadas mulheres não conseguem se desligar do primeiro objeto amoroso, a mãe, ficando assim impossibilitadas de se deslocar para o pai, considerando isto como uma catástrofe.

É a partir dessa constatação que Freud começa a pensar sobre as implicações da fase pré-edípica do desenvolvimento psicosssexual das meninas. Seria nesse período que estariam postas as problemáticas da relação entre mãe e filha, que teriam como resultado a etiologia das neuroses que são caracteristicamente femininas:

Tudo na esfera dessa primeira ligação com a mãe me parecia tão difícil de apreender nas análises – tão esmaecido pelo tempo e tão obscuro e quase impossível de revivificar – que era como se houvesse sucumbido a uma repressão especialmente inexorável. Mas talvez tenha ficado com essa impressão porque as mulheres que estavam em análise comigo podiam aferrar-se à própria ligação com o pai em que se tinham refugiado da fase primitiva em questão (1931, p. 234).

Nesse texto Freud nos aponta que a relação de extrema dependência da figura paterna por parte da menina, tem como base fundamental uma intensa relação de identificação da menina com a mãe, esta ligação se colocaria em um momento primitivo do desenvolvimento infantil. E é justamente a partir disto que o autor nos leva a uma discussão tendo como aporte a realidade corporal feminina.

Nos meninos existe apenas uma zona sexual principal, entretanto nas meninas esta realidade não se coloca de tal modo. Nesse sentido o pai da psicanálise observa que a vida sexual feminina comporta duas fases, a primeira fase se constitui como tendo caráter fundamentalmente masculino, que se articularia com o clitóris e a segunda fase é especificamente feminina que se colocaria na descoberta da vagina.

Assim, no desenvolvimento feminino, há um processo de transição de uma fase para a outra, do qual nada existe de análogo no homem. Uma outra complicação origina-se do fato de o clitóris, com seu caráter viril, continuar a funcionar na vida sexual feminina posterior, de maneira muito variável e que certamente ainda não é satisfatoriamente entendida. Não conhecemos, naturalmente, a base biológica dessas peculiaridades das mulheres e, menos ainda, podemos atribuir-lhes qualquer intuito teleológico (*idem*, p. 236).

Dando continuidade ao pensamento freudiano, o autor nos aponta que algumas mulheres escolhem o objeto amoroso (marido), a partir de um espelhamento da relação com a mãe e não com o pai, todavia ele nos aponta que neste tipo de relação haverá um ponto de hostilidade, que se constituirá como uma reprodução do comportamento antes estabelecido com a mãe, desse modo os maridos serão tomados como rivais na relação.

Quando, passamos em revista toda a gama de motivos para se afastar da mãe que a análise traz à luz – que ela falhou em fornecer à menina o único ou órgão genital correto, que não a amamentou o suficiente, que a compeliu a partilhar o amor da mãe com outros, que nunca atendeu às expectativas de amor da menina, e, finalmente, que primeiro despertou a sua atividade sexual e depois a proibiu –, todos esses motivos, não obstante, parecem insuficientes para justificar a hostilidade final da menina. Alguns deles decorrem inevitavelmente da natureza da sexualidade infantil; outros aparecem como racionalizações imaginadas posteriormente, para explicar a mudança incompreendida no sentimento (*idem*, p. 242).

Após esta explanação sobre algumas contribuições freudianas da transformação da menina em mulher, o leitor pode se perguntar de que modo a elaboração teórica serve para compreender a obra *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Clarice Lispector. Ao ler o romance observamos que a mãe de Lóri (protagonista do romance) mal aparece nas falas da personagem sobre sua família, é quase como se a esta mãe fosse dado um lugar de ausência. Dito isto, nos questionamos até que ponto a demora entre os encontros de Lóri com Ulisses, as poucas palavras ditas durante os poucos encontros que a obra nos relata, não seriam uma forma dessa personagem reproduzir com o seu amado um relacionamento que ela tinha com a mãe. Para além da insatisfação presente como um traço estrutural na histeria, a demora nesses encontros não seria compreendida também como relação de catástrofe, como parâmetro a letra freudiana?

O amor infantil é ilimitado; exige a posse exclusiva, não se contenta com menos do que tudo. Possui, porém, uma segunda característica; não tem, na realidade, objetivo, sendo incapaz de obter satisfação completa, e, principalmente por isso, está condenado a acabar em desapontamento e a ceder lugar a uma atitude hostil. Mais tarde, na vida, a falta de uma satisfação suprema pode favorecer um resultado diferente. Esse mesmo fator pode garantir a continuidade ininterrupta da catexia libidinal, tal como acontece com as relações amorosas inibidas em sua finalidade (1931, p. 239).

Observamos na citação acima que, frente à problemática feminina e a dissolução do complexo de Édipo nas meninas, Freud vai sugerir três possíveis saídas para o desenvolvimento da sexualidade feminina: o primeiro seria um completo rompimento da vida sexual; o segundo, uma supervalorização de sua “masculinidade”; e, por fim, a terceira possibilidade seria a construção de um caminho para uma feminilidade definitiva.

O afastamento da mãe constitui um passo extremamente importante no curso do desenvolvimento de uma menina. Trata-se de algo mais do que uma simples mudança de objeto. Já descrevemos o que nele acontece e os muitos motivos apresentados para ele; podemos agora acrescentar que, de mãos

dadas com o mesmo, deve ser observado um acentuado abaixamento dos impulsos sexuais ativos e uma ascensão dos passivos. É verdade que as tendências ativas foram mais intensamente afetadas pela frustração; revelaram-se totalmente irrealizáveis e, portanto, são mais prontamente abandonadas pela libido (*idem*, p. 247).

Assim, Freud nos aponta que o distanciamento da menina com relação à mãe, em direção ao pai se dará pela inserção de forças passivas na medida em que saem da catástrofe, desse modo começa a ser possível a construção do desenvolvimento da feminilidade.

Porém, é nas *Novas conferências introdutórias sobre a Psicanálise – Feminilidade* (1933) que Freud faz uma reflexão entre os conceitos de masculino como aquilo que se coloca sobre os parâmetros de atividade e feminino como aquilo que se estabelece sobre a passividade. Esse texto é fundamental, pois nele começamos a perceber na letra freudiana um questionamento maior sobre o que de fato seria o feminino:

Os senhores, agora, já estão preparados para saber que também a psicologia é incapaz de solucionar o enigma da feminilidade. Sem dúvida, a explicação deve provir de outras fontes e só pode vir quando houvermos aprendido de que modo, em geral, se efetuou a diferenciação dos organismos vivos em dois sexos. Disto nada sabemos, conquanto a existência de dois sexos seja uma característica muito surpreendente da vida orgânica, que a distingue nitidamente da natureza inanimada. Contudo, encontramos muito que estudar nesses indivíduos humanos que, mediante a posse de genitais femininos, são caracterizados como manifestadamente ou predominantemente femininos (p. 121).

No trecho supracitado, percebemos que o autor toma características biologizantes, ou seja, parte da anatomia corporal na tentativa de explicar as consequências desta para a vida psíquica, neste sentido, teremos a feminilidade marcada pela passagem da descoberta do clitóris para a vagina, isso, na fase fálica do desenvolvimento psicosssexual da menina.

Estamos autorizados a manter nossa opinião segundo a qual, na fase fálica das meninas, o clitóris é a principal zona erógena. Mas, naturalmente, não vai permanecer assim. Com a mudança para a feminilidade, o clitóris deve, total ou parcialmente, transferir sua sensibilidade, e ao mesmo tempo sua importância, para a vagina. Esta seria uma das duas tarefas que uma mulher tem de realizar no decorrer do seu desenvolvimento, ao passo que o homem, mais afortunado, só precisa continuar, na época de sua maturidade, a atividade que executara anteriormente, no período inicial do surgimento de sua sexualidade (*idem*, p. 119).

Porém ao analisar a relação de uma menina com a sua mãe, Freud observa que uma menina tanto pode ter fins passivos como ativos com relação a natureza libidinal investida em um determinado objeto, cujo foco seja a satisfação libidinal. Não podemos nos esquecer que a demanda da libido é antes de tudo de uma diminuição de tensão, dito de outro modo, a libido visa sempre à satisfação, sob este foco compreendemos que teremos sempre um caráter ativo. Cabe ressaltar que, no tocante à fantasia da sedução elaborada por Freud, teremos o pai das meninas como alvo de acusações, entretanto as mães também serão alvos de acusações, só que em outro momento do desenvolvimento infantil.

Nas meninas também teremos o complexo de castração instalado, só que de modo distinto do que se apresenta para os meninos: ao perceber que nada tem, a menina desloca-se do primeiro objeto amoroso para o pai, na tentativa de conseguir dele um pênis. A partir dessa constatação Freud vem sugerir que se instala “a inveja do pênis”, sentindo-se injustiçadas as meninas por não terem um atributo fálico. O autor considera que essa falta no corpo da menina trará implicações para a vida psíquica, pois a constatação de que são castradas nem sempre representará uma aceitação.

É difícil duvidar da importância da inveja do pênis. Os senhores podem imaginar como sendo um exemplo de injustiça masculina eu afirmar que a inveja e o ciúme desempenham, mesmo, um papel de relevo maior na vida mental das mulheres, do que na dos homens. Não é que eu pense estarem essas características ausentes nos homens, ou julgue que elas não tenham nas mulheres outras raízes além da inveja do pênis; estou inclinado, no entanto, a atribuir sua quantidade maior nas mulheres a essa influência (*idem*, p.125).

Mas quais são as possíveis saídas para o desenvolvimento da menina? Freud nos aponta três. A primeira leva a uma inibição da sexualidade; a segunda a um complexo de masculinidade e por fim a terceira levaria à construção de uma feminilidade. A questão que fazemos é: Em que consiste feminilidade para a Psicanálise? A feminilidade estaria apenas restrita a quem tem por determinação biológica a ausência de um pênis? Ou a oposição entre atividade e passividade?

Na letra freudiana podemos observar uma tentativa de nomear aquilo que se constitui como tendo um caráter da feminilidade. Nesse sentido o autor defende que na feminilidade há uma maior quantidade de narcisismo, este fato trará implicações para a escolha do objeto amoroso, de modo que ser amada se constitui como algo mais importante que amar. Outro ponto importante é que a inveja do pênis acaba por ocasionar a vaidade feminina, em uma tentativa de enfeitar-se, tendo como finalidade a

valorização dos seus encantos, como uma tentativa de compensar a “inferioridade sexual original”. Nesse sentido, Joel Birman afirma que

A sedução seria, portanto, a única modalidade de ser para a figura da mulher para que esta pudesse ainda se opor à figura do homem como falo, na medida em que este seria capturante no seu poder social erótico. Em contrapartida, apenas restaria à mulher a possibilidade de se vingar do homem, seja pela captura erótica, seja pela dessubjetivação de que seria objeto, para que pudesse se sentir novamente na posição de senhora absoluta do espetáculo da conquista amorosa. Pela sedução, pois a mulher ficaria no lugar tático da boneca fascinante, para que o registro erótico, pudesse homogeneizar as disparidades de forças entre os sexos, já que o homem levaria sempre vantagem nos demais registros da existência (1999, p.115).

Entendemos assim que a transformação da menina em mulher pode por vezes carregar um processo de identificação com a mãe, de modo que tal investimento libidinal, antes investido em uma batalha contra a mãe, pode resultar em uma compulsão à repetição. O destino da menina aparece, assim, como o de uma metáfora impossível ou de uma luta permanente para se elevar do registro da metonímia para o da metáfora (ANDRÉ, 1986, p.187).

A fase da ligação afetiva pré-edípica, contudo, é decisiva para o futuro de uma mulher: durante essa fase são feitos os preparativos para a aquisição das características com que mais tarde exercerá seu papel na função sexual e realizará suas inestimáveis tarefas sociais. É também nessa identificação que ela adquire aquilo que constitui motivo de atração para um homem: a ligação edípica deste à sua mãe transfigura a atração da mulher em paixão. No entanto, com quanta frequência sucede que apenas o filho obtém aquilo a que o homem aspirava! Tem-se a impressão de que o amor do homem e o amor da mulher psicologicamente sofrem de uma diferença de fase (FREUD, 1933, p.133).

Entretanto, Freud ao tentar dar uma explicação psicológica sobre a feminilidade, reconhece que existe algo que se coloca sobre o ser feminino, que está além da compreensão da sexualidade feminina, tomando como parâmetro o sexo biológico, ou seja, além da lógica fálica. Ao sugerir no final da conferência sobre a feminilidade, que a própria experiência masculina ou a letra do poeta podem dizer também daquilo que se constitui o feminino. Desse modo o final dessa conferência nos faz pensar que Freud, abre o caminho para se pensar a feminilidade além de uma lógica fálica, como aponta André:

Aproximamo-nos aí da formulação de um tema implícito que guia Freud em todas as suas primeiras elaborações a respeito da feminilidade: há alguma coisa no corpo da mulher que resiste ao adorno fálico, alguma coisa que dele se destaca como a própria morte, que é o seu sexo propriamente dito (1986, p.56).

Entretanto teremos na obra do francês Jacques Lacan uma contribuição fundamental para a reflexão sobre o feminino, pensando este para além do falo. Desse modo, *O seminário XX – Mais ainda (Plus encore)* do referido autor terá como marca uma reflexão sobre o gozo que se estabelece junto aos místicos, mulheres e poetas. Na capa do referido seminário temos já um ponto de reflexão que é posto na imagem de Santa Tereza em pleno êxtase, um gozo do qual não se pode saber nada.

Mas o leitor pode se questionar, em que ponto essa discussão sobre o feminino se articula com o romance de Clarice Lispector, *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Ao lermos a obra analisada, percebemos na personagem principal um ponto fundamental para a discussão psicanalítica, que diz respeito à transformação de Lóri de menina em mulher, desse modo entendemos este processo para além de algo posto pela idade cronológica ou de maturidade corpórea. Ao fazer menção à transformação em mulher, queremos colocar um ponto de reflexão sobre a posição feminina, e esta tem haver com o sujeito poder se deparar com a castração, como uma forma de se haver com o Real.

E é justamente nesse sentido que entendemos o final do romance como algo da ordem do sujeito que pode tocar o Real, compreendendo a impossibilidade da existência da relação sexual, trazendo para o cerne da discussão o aforisma lacaniano de que “não existe a relação sexual” (LACAN, 1985, p.17). Pois, após se entregar “plena” para Ulisses, o seu amado diz que não pode ser dela de forma plena, que possui em sua vida muitas coisas além da companhia de Lóri. Ele dirá que tem trabalho e o tamanho da casa é pequeno, podendo não ser acolhedora para o casal. Mesmo frente às questões da realidade e não de um ideal que também podemos observar ao longo do romance, Lóri decide ficar junto a Ulisses.

A partir dessas considerações literárias se faz necessário falar sobre as contribuições abordadas pela psicanálise de orientação lacaniana. Para tanto, nos questionamos se a posição feminina estaria restrita aos sujeitos que tivessem como marca biológica o sexo feminino. No rastro das contribuições lacanianas, podemos referir que não, afinal todo sujeito se confronta com o fato de não haver uma relação sexual, independente de ser do sexo masculino ou feminino (tomando aqui como parâmetro os aspectos biológicos). Sendo assim, não pode haver uma satisfação plena do desejo e todos os seres humanos são, na esfera psíquica, faltosos (castrados).

Apenas suposta, pois eu enuncio que o discurso analítico só se sustenta pelo enunciado de que não há, de que é impossível colocar-se a relação sexual. É nisto que se escoram os avanços do discurso analítico, e é por isso aí que ele determina o que é realmente do estatuto de todos os outros discursos. Esse é, nomeado, o ponto que cobre a impossibilidade da relação sexual como tal (*idem*, p. 17).

Embora observemos que Lacan não despreza as implicações do corpo com relação aos modos de gozo, ele, porém, não as toma como determinação:

O ser sexuado dessas mulheres não-todas não passa pelo corpo, mas pelo que resulta de uma exigência de lógica na fala. Com efeito, a lógica, a coerência inscrita, o fato de existir a linguagem e de que ela está fora dos corpos que por ela são agitados, em suma, o Outro que se encarna, se assim se pode dizer, como ser sexuado, exige esse *uma a uma* (*idem*, p.19).

Diante do medo da castração o menino se direciona ao pai, porém nas meninas essa identificação não ocorre, pois, segundo André (1986), para que ocorra o processo de identificação se faz necessário a presença de um traço unário, no qual o sujeito possa apoiar-se sobre um traço simbólico. Nesse sentido, a mãe não pode fornecer à filha esse traço unário que dê suporte à sua identidade de menina, desse modo não existe um significante que apoie a identidade feminina, fazendo desta um abismo, uma falta.

É nesse sentido que Lacan aponta duas lógicas de gozo, um fálico e o outro não-todo. Na primeira teremos uma lógica articulada junto ao significante, enquanto existem sujeitos que se posicionam segundo a função fálica, nestes teríamos um posicionamento masculino. Desse lado temos um gozo finito e localizável, forma esta que dá subsídio para o modo de amar fetichista.

A outra lógica não se relacionaria com o significante do falo. Do lado feminino da sexuação a falta de significante faz com que a castração não se instaure. Desse modo sobre esta lógica, não pode haver conjuntos, ou seja, do lado feminino temos o não-todo. Sendo assim, a mulher não se inscreve num conjunto ou numa totalidade significativa comum, temos então a ausência do artigo definido, que faz com que Lacan formule um de seus mais polêmicos aforismas: “A mulher não existe” (1985, p. 15). Entretanto a condição além da lógica fálica pode ser experimentada por algumas mulheres e homens. Essa lógica não-toda submetida ao falo dá subsídio para a forma de amar erotomaniaca, como afirma Hernani,

Dentro dessa dialética binária, J.-A. Miller desenvolve a construção lógica dos modos de gozar próprios de cada lado da sexuação. Do lado masculino, o sintoma; do feminino, a devastação. Com o sintoma temos um sofrimento localizado. Entretanto, ele aponta que a devastação e o amor derivam do

/

mesmo princípio, a inconsistência do Outro (A) no que leva ao sem limite, ao não-todo (2011, p 4).

Ao fazer uma articulação entre a linguística e o discurso analítico, Lacan diz que um processo de análise é antes de tudo uma leitura, só que uma leitura que se coloca para além daquilo que o sujeito consegue dizer.

Fica-se menos surpreso de reencontrá-lo no inconsciente como um equivalente da mãe, até mesmo da feminilidade, na medida em que os desenvolvimentos da doutrina freudiana nos mostram que alguma coisa da feminilidade permanece absolutamente fora do alcance da palavra, interdito no sentido mais forte do termo, quer dizer, presente no mutismo que intercala entre os ditos (ANDRÉ, 1986, p.59).

Como observamos no trecho de André acima, a partir de uma leitura da obra lacaniana, onde este último passa a considerar a feminilidade como algo que pode ser compreendido a partir de uma sobreposição do Real, o que faz com que uma mulher mesmo colocada no complexo de castração, esteja de forma não-toda nele, ou seja, uma parte que não responde à função do falo?

Se existe um mistério do lado feminino é mediante o que a mulher supõe: ser suplente da inexistência do Outro, o enigma recobre a própria inexistência da relação sexual. A problemática feminina é decorrente das modalidades sobre as quais o falo exerce influência a nível inconsciente, na medida em que ele funciona como um significante, desse modo é a maneira pela qual os sujeitos assumem seu assujeitamento a sua lei. O gozo do Outro é nomeado como um gozo fora-da-linguagem, que suporta o ser ou o corpo como tal.

A partir do que foi exposto o destino feminino não é esgotado pelo falo, mas por uma dimensão de “suplemento”, desse modo as mulheres estabelecem uma relação com o real que os homens só o fazem a partir do intermédio da fantasia.

Retomando as contribuições de Joel Birman, no texto *Erotismo, desamparo e feminilidade*, entendemos que a figura da feminilidade estaria relacionada com traços significativos sobre a sexualidade, na verdade dá prova de que a feminilidade estaria ancorada no próprio desamparo originário do sujeito:

Quero dizer com isso que a feminilidade condensa tragicamente na sua figura a problemática da sexualidade na psicanálise, antes de mais nada. Além disso, indico que a feminilidade é a forma crucial de ser do sujeito, pois sem a ancoragem nas miragens da completude fálica e da onipotência narcísica, a fragilidade e a incompletude humanas são as formas primordiais de ser do sujeito. Justamente por isso que o sujeito seria desejanse. O que nos move no erotismo é a certeza de nossa incompletude, por um lado, e a crença na completude a ser oferecida pelo gozo, por outro. Contudo, como essa

segunda possibilidade não se realiza nunca, sendo uma utopia, pois se na sua pontualidade o gozo como uma pequena morte nos faz crer momentaneamente que a fusão cósmica se realizou para o sujeito, logo no despertar a incompletude se apresenta novamente (1999, p. 53-54).

Nesse sentido todo sujeito está fadado a uma certa condição feminina, de falta-a-ser, ou seja, de castrado. No texto *O mal estar na civilização* (1930), temos a reflexão de Freud que conclui que o grande mal estar do ser humano é a castração, e frente a esta existem algumas tentativas de negá-la. Sendo assim, o pai da Psicanálise fala sobre um sentimento oceânico que deixaria as pessoas “plenas”, essa sensação poderia ser identificada tanto na religião como no amor, já que em ambos teremos uma tentativa de negar a falta da condição humana.

Portanto, Freud nos aponta que existem duas saídas para a castração uma que é o amor e a outra que seria a Psicanálise, no primeiro teríamos um aprisionamento e no segundo teríamos a construção de algo em torno da liberdade. Porém a condição fundamental para um tratamento psicanalítico é o amor de transferência. Nos questionamos até que ponto todo amor seja ele analítico ou não, se constitui como uma forma de transferência. Entretanto em um amor analítico a transferência pode se constituir como uma forma do sujeito se deparar com a castração, e não negá-la.

Freud nos aponta que o amor se instala na medida em que existe uma relação narcísica:

Se amo uma pessoa, ela tem de merecer meu amor de alguma maneira. (Não estou levando em consideração o uso que dela posso fazer, nem sua possível significação para mim como objeto sexual, de uma vez que nenhum desses dois tipos de relacionamento entra em questão onde o preceito de amar meu próximo se acha em jogo.) Ela merecerá meu amor, se for de tal modo semelhante a mim, em aspectos importantes, que eu me possa amar nela; merecê-lo-á também, se for de tal modo mais perfeita do que eu, que nela eu possa amar meu ideal de meu próprio eu (*self*) (1930, p. 114).

No seminário XX, Lacan nos aponta que a relação sexual não existe, nesse sentido não existe uma forma de satisfação que leve o sujeito a completude. Desse modo, o amor seria um signo, que funcionaria como suplência a inexistência da relação. Por ser um signo o amor se aproxima da linguagem, pois a cadeia de significantes surge a partir da castração:

Nós dois somos um só. Todo mundo sabe, com certeza, que jamais aconteceu, entre dois, que eles sejam só um, mas enfim, nos dois somos um só. É daí que parte a ideia do amor. É verdadeiramente a maneira mais grosseira de dar à relação sexual, a esse termo que manifestamente escapa, o seu significado (1985, p.64).

Lacan, ao afirmar que o amor visa o sujeito, e como tal só pode ser articulado dentro da cadeia de significante, não a Um, mas como este significante mestre se articula na vida toda. O sujeito é o efeito dos significantes, se a castração funda o objeto a , não podemos nos esquecer que este tem duas vertentes uma de gozo e outra de desejo, neste último temos a mola do amor.

4. A LETRA DE CLARICE

*“Amor será dar de presente um ao outro a própria solidão?
Pois é a coisa mais última que se pode dar de si”*

Clarice Lispector

Este capítulo terá por finalidade trazer algumas informações sobre a escrita de Clarice Lispector, bem como fazer uma análise mais detalhada das questões pensadas a partir da leitura do romance *Uma aprendizagem ou os livros dos prazeres*, articulando a esta leitura algumas reflexões que foram suscitadas a partir da contribuição psicanalítica.

Desde a sua primeira publicação, *Perto do coração selvagem*, a obra de Clarice Lispector tem alcançado reconhecimento, não só em âmbito nacional, mas também internacionalmente dentro do campo literário. Na França o trabalho da autora teve sua divulgação a partir da psicanálise de orientação lacaniana, nesse sentido ocorrem questionamentos suscitados pela produção da autora sobre a relação existente entre os limites do “eu”. Segundo Barros (1997), a obra de Clarice Lispector sofreu influência do pensamento filosófico de Sartre. Embora ela declarasse “a minha náusea é diferente da náusea de Sartre. Minha náusea é sentida mesmo! Eu sei o que é a náusea do corpo todo, da alma toda! Não é sartreana, não!”, sua obra foi identificada como pertencendo a segunda fase do modernismo. O volume total de títulos publicados foram vinte e seis, destes, seis foram publicados postumamente.

Embora sua produção literária fosse reconhecida e elogiada pelos críticos de sua época, a escrita de Clarice não tinha como objetivo sustentar a escritora economicamente, que dizia querer fugir da usura por parte das editoras. Por isso, após a sua separação (era casada com um diplomata) e mudança para o Rio de Janeiro, Clarice passa a escrever colunas em jornais e revistas, bem como fazer alguns trabalhos de tradução.

Em uma entrevista concedida à TV Cultura em fevereiro de 1977, meses antes de sua morte, ao ser interrogada sobre a sua escrita a autora diz que começou a fabular aos setes anos de idade, porém, não se considerava uma escritora profissional, pois sua escrita estava articulada com o seu querer e não com uma obrigação profissional. Durante os períodos em que não escreve intensamente diz que a vida se torna intolerável, a sua escrita torna-se sinônimo de sua própria existência.

Mesmo tendo uma escrita reconhecidamente intensa e profunda, Clarice Lispector não escrevia apenas para o público adulto, ela também produzia histórias infantis. A autora reconhece que escrever para crianças é mais fácil pelo seu “instinto”¹ maternal, porém, na escrita que tem por finalidade comunicar ao adulto, ela reconhece que se comunica com o mais secreto de si mesma.

A escrita de Clarice se configura de forma tão singular que os intelectuais de sua época a chamam de “um mistério” (Carlos Drummond de Andrade), a sua letra não contém respostas e sim enigmas. Não podemos deixar de mencionar que, segundo Onofre (1997), os personagens de seus romances continham partes de sua própria existência.

O romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, foi escrito no ano de 1969. Esta obra contém dois capítulos: *A origem da primavera ou a morte necessária em pleno dia* e *Luminescência*. No primeiro momento do livro, a narrativa é iniciada com uma vírgula, que convida o leitor a perceber que mesmo tendo em mãos a narrativa de um fato – o encontro amoroso entre Lóri e Ulisses, existe uma história prévia antes desse acontecimento, existe uma vida antes em Lóri que se constitui como o próprio caminho dela até aquele momento em que o romance se inicia.

Nesse sentido também podemos fazer uma analogia às pessoas que procuram um tratamento psicanalítico, cada uma chega com uma vírgula, onde existe toda uma história de vida, antes de um encontro com um psicanalista, ou seja, existe toda uma construção sintomática. E cabe ao psicanalista vislumbrar na fala do paciente aquilo que se coloca de forma obscura, mas que traz implicações para a realidade atual da vida do sujeito.

Talvez seja relevante pensar, o fato de ser uma vírgula e não algum outro sinal. Em sua função temos uma pontuação que ao mesmo tempo separa, não de todo, restando uma certa união com aquilo que já foi mencionado. Não seria, a representação de um tratamento analítico, uma separação que faz uso de um amor de transferência, tendo como objetivo uma separação?

Outro ponto importante a ser refletido neste capítulo é sua titulação articulada às questões que são postas pelo narrador ao descrever a personagem de Lóri. O que se coloca nas entrelinhas da narrativa é que, mesmo tendo já encontrado seu amado

¹ O termo instinto não é utilizado pela Psicanálise, nesse sentido usamos o termo pulsão em detrimento a instinto. Todavia usamos o termo instinto nesse trecho pois ele refere-se a uma fala de Clarice Lispector.

Ulisses, Lóri não consegue ter a clareza de seu desejo, o que dá ao leitor uma sensação do estado em que se encontra, ou seja, de obscuridade de si própria.

Outro questionamento que se coloca no primeiro momento do livro é a relação que Lóri estabelecia com a maçã “a maçã que era a sua melhor comida, embora não soubesse enfeitar uma fruteira” (LISPECTOR, 1998, p.13). A maçã tem em si a representação do fruto proibido, do pecado, da desobediência à vontade de Deus, em detrimento a uma vontade singular e própria, colocando em evidência o próprio desejo em ter o conhecimento, de saber a diferença entre o bem e o mal.

Desde a primeira página do romance, Lóri se encontra participando de algumas atividades que envolvem atos de caridade. Os atos de caridades são por nós entendidos como algo que faz parte do cotidiano dos sujeitos de estrutura histórica, pois eles são militantes do ter, além de se colocarem para o outro como objeto de vislumbre com os referidos atos. Com relação a se colocar para o outro como um *dado a ver* podemos observar em Lóri, a constante angústia com relação a se arrumar para sair: se arrumando bastante, como uma tentativa de não se deparar com a falta, em busca de um ideal de perfeição como podemos notar no trecho: “Fora ao guarda-roupa escolher que vestido usaria para se tornar extremamente atraente para o encontro com Ulisses que já lhe dissera que não tinha bom-gosto para se vestir” (*idem*, p.13).

A falta de apropriação de si era tamanha que o narrador ao relatar a forma como ela respondia quando era interrogada sobre o seu nome, nos transmite a ideia de que ela respondia em uma total falta de apropriação do seu nome “ele dissera uma vez que queria que ela, ao lhe perguntarem o seu nome, não respondesse 'Lóri', mas meu nome é eu, pois teu nome dissera ele é um eu” (*idem*, p.13).

Outro ponto a ser pensado com relação a este romance é que, desde o início, Lóri supõe em Ulisses um saber sobre a sua própria existência, estabelecendo com seu amado um amor de transferência, ainda que ele não seja nomeado como psicanalista. Em alguns momentos da narrativa, podemos pensar que seus atos fazem com que Lóri abra mão de seu gozo, o que possibilita que ela se depare com o seu desejo. Este fato, de certo modo, faz com que Ulisses funcione para sua amada na posição de um analista, ele a convoca a se implicar com o seu desejo.

Inicialmente Lóri pensara que o interesse de Ulisses nela se dava como uma tentativa de ensinar-lhe filosofia, já que este era professor universitário desta disciplina. Porém, na medida em que o tempo passa, ela percebe que Ulisses a deseja como mulher e não como aluna. Entretanto, para que ela aceite o desejo do homem, foi necessário que

ele ocupasse, junto a ela, a função de mestre, função esta que no decorrer da narrativa vai sendo ocupada pela própria Lóri, na medida em que ela desaloja Ulisses dessa função que inicialmente foi posta nele.

Os momentos que antecedem os encontros de Lóri e Ulisses ao longo do romance, neste primeiro capítulo da obra, são descritos sempre com muita angústia, seja pela sua incerteza em saber se quer continuar ou não a ver Ulisses, ou pelo fato dela querer apresentar-se como um objeto de vislumbre sem defeitos, como observaremos a seguir:

E agora chegara o momento de decidir se continuaria ou não vendo Ulisses. Em súbita revolta ela não quis aprender o que ele pacientemente parecia querer ensinar e ela mesma aprender — revoltava-se sobretudo porque aquela não era para ela época de 'meditação' que de súbito parecia ridícula: estava vibrando em puro desejo como lhe acontecia antes e depois da menstruação. Mas era como se ele quisesse que ela aprendesse a andar com as próprias pernas e só então, preparada para a liberdade por Ulisses, ela fosse dele — o que é que ele queria dela, além de tranquilamente desejá-la? (*idem*, p. 15).

Se em Lóri podemos observar sua angústia em torna-se mulher, em Ulisses podemos perceber o acolhimento às inquietações de sua amada, com um tom de já ter percorrido aquele caminho. Mas a questão de querer que Lóri esteja junto a ele de forma plena, não seria uma forma de Ulisses também não se deparar com a castração? Ainda que esta pergunta não se coloque de forma direta no romance, percebemos que a narrativa nos possibilita pensar que a questão gira em torno do que é ser uma mulher. Em alguns pontos do romance observamos Lóri em busca de alguém em que ela possa se apoiar como modelo, alguém cuja essência ela possa vampirizar, no sentido do que é *ser uma mulher*.

Esse ponto de reflexão parece paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que Lóri supõe em outras mulheres um saber sobre o feminino, ela também, a nível imaginário, se comporta como se fosse portadora do *enigma da feminilidade*. Observamos que faz sutis revelações na forma como descreve o seu perfume, o seu cheiro, fazendo questão de não dizer às suas colegas de trabalho o nome do perfume que usa.

Lóri se perfumava e essa era uma das suas imitações do mundo, ela que tanto procurava aprender a vida — com o perfume, de algum modo intensificava o que quer que ela era e por isso não podia usar perfumes que a contradiziam: perfumar-se era de uma sabedoria instintiva, vinda de milênios de mulheres aparentemente passivas aprendendo, e, como toda arte, exigia que ela tivesse um mínimo de conhecimento de si própria: usava um perfume levemente sufocante, gostoso como húmus, como se a cabeça deitada, esmagasse húmus, cujo nome não dizia a nenhuma de suas colegas-professoras: porque

ele era seu, era ela, já que para Lóri perfumar-se era um ato secreto e quase religioso (*idem*, p. 17).

Além da angústia que se colocava para Lóri nos momentos que antecederiam os seus encontros com Ulisses, por não saber o que realmente desejava, ela revela sua inquietação na tentativa de seduzir seu amado pela sua aparência: a escolha de uma roupa, maquiagem e acessórios, além do objetivo de velar a castração com objetos que têm por finalidade funcionar como objetos-fetichê.

Com relação ao ideal de perfeição posto na narrativa, podemos pensar a lógica fálica para os históricos, já que estes são *militantes do ter*, na constante busca de perfeição, esses sujeitos conseguem ser os juizes mais tiranos, pois compreendem que na realidade não tem nada a ofertar.

É nessa hora que o bem e o mal não existem. É o perdão súbito, nós que nos alimentávamos com gosto secreto da punição. Agora é a indiferença de um perdão. Pois não há mais julgamento. Não é um perdão que tenha vindo depois de um julgamento. É a ausência de juiz e condenado. E não chove, não chove. Não existe menstruação. Os ovários são duas pérolas secas. Vou vos dizer a verdade: por ódio seco, quero é isto mesmo, e que não chova (*idem*, p.24).

Observamos que todo esse investimento de Lóri em si é uma tentativa de extrair de Ulisses o amor: “com Ulisses, ela se comportava como uma virgem que não era mais, embora tivesse a certeza de que também isso ele adivinhava, aquele sábio estranho que no entanto não parecia adivinhar que ela queria amor” (*idem*, .17-18).

Freud constatou que a demanda feminina por amor se configuraria como uma forma da mulher lidar com a *inveja do pênis*, embora o autor reconheça que nem sempre esse sentimento basta para uma mulher. Sendo assim um filho seria uma forma de negar a própria condição de falta-a-ser, “no entanto com muita frequência sucede que apenas o filho obtém aquilo a que o homem aspirava! Tem-se a impressão de que o amor do homem e o amor da mulher sofrem de uma diferença de fase” (1933, p.133).

Uma questão que nos é posta ao ler o capítulo inicial do texto de Clarice diz respeito às constantes dúvidas de Lóri com relação ao romance com Ulisses. Não haveria implicações sobre a lógica fálica, entre ter e não ter o falo? De posse da constatação que não tinha o falo, podemos inferir que a tentativa de perceber o mundo de forma perfeita, não seria uma negação a própria imperfeição posta pela sua condição de mulher? Se a questão na histeria se coloca no fato do sujeito fazer com que o seu desejo esteja sempre insatisfeito, estes sujeitos têm medo de experimentar qualquer forma de gozo que possa levar a obter algum tipo de satisfação.

O que parece fazer um corte nesse traço estrutural é a possível perda do objeto amoroso, desse modo o sujeito decide por seguir desejando, porém, se permitindo vivenciar algum tipo de satisfação.

De tal modo sabia que às vezes, embora confusa, terminava pressentindo a perfeição — de novo esses pensamentos, que de algum modo usava como lembrete (de que, por causa da perfeição que existia, ela terminaria acertando) — mais uma vez o lembrete agiu nela e com seus olhos ainda escuros agora pelo pensamento perturbado, decidiu que veria Ulisses pelo menos mais esta vez. E não era porque ele esperava por ela, pois muitas vezes Lóri, contando com a já insultuosa paciência de Ulisses, faltava sem avisar-lhe nada: mas à idéia de que a paciência de Ulisses se esgotaria, a mão subiu-lhe à garganta tentando estancar uma angústia parecida com a que sentia quando se perguntava "quem sou eu? quem é Ulisses? quem são as pessoas?" Era como se Ulisses tivesse uma resposta para tudo isso e resolvesse não dá-la — e agora a angústia vinha porque de novo descobria que precisava de Ulisses, o que a desesperava — queria poder continuar a vê-lo, mas sem precisar tão violentamente dele. Se fosse uma pessoa inteiramente só, como era antes, saberia como sentir e agir dentro de um sistema. Mas Ulisses, entrando cada vez mais plenamente em sua vida, ela, ao se sentir protegida por ele, passara a ter receio de perder a proteção (LISPECTOR, 1998, p.18).

Nesse trecho, nos chama atenção como Lóri percebe o próprio corpo, que se assemelha à forma como ela lida com o seu nome, ou seja, sem uma apropriação. Também observamos na fala da personagem uma tentativa de negar a castração a nível imaginário, pois conseguimos vislumbrar que ao aceitar a condição de amor ela não poderá evitar a castração.

Pareceu-lhe então, meditativa, que não havia homem ou mulher que por acaso não se tivesse olhado ao espelho e não se surpreendesse consigo próprio. Por uma fração de segundo a pessoa se via como um objeto a ser olhado, o que poderiam chamar de narcisismo mas, já influenciada por Ulisses, ela chamaria de: gosto de ser. Encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não imaginei: eu existo (*idem*, p.19).

Porém, na medida em que os encontros iam ocorrendo percebemos em Lóri a apropriação de si, não por sentir-se plena, mas pelo fato de assumir sua condição de falta. Ao longo do romance teremos a descrição de cinco encontros, por um período de aproximadamente um ano, já que o narrador menciona o fato da primavera ter chegado outra vez.

Ao observar que o fato de Ulisses, por vezes fazer uma função de analista, na medida em que conduz Lóri a se deparar com o seu desejo, bem como percebemos a aprendizagem de Lóri frente a sua solidão, possibilitando um *savoir-faire* junto a sua

angústia e gozo, permitindo assim que ela construa um caminho para a própria “cura” de si. Suportando, através do desejo, a própria dor que constitui a existência.

Pareceu-lhe que Ulisses, se ela tivesse coragem de contar-lhe o que sentia, e jamais o faria, se lhe contasse ele responderia mais ou menos assim e bem calmo: a condição não se cura mas o medo da condição é curável. Ele diria isso ou qualquer outra coisa — irritou-a porque cada vez que lhe ocorria um pensamento mais agudo ou mais sensato como este, ela supusesse que Ulisses era quem o teria, ela, que reconhecia com gratidão a superioridade geral dos homens que tinham cheiro de homens e não de perfume, e reconhecia com irritação que na verdade esses pensamentos que ela chamava de agudos ou sensatos já eram resultado de sua convivência mais estreita com Ulisses. E mesmo o fato de seus 'sofrimentos' serem agora mais espaçados, o que devia a Ulisses — 'sofrimentos'? (*idem*, p.20-21).

Com relação ao desejo de Lóri por Ulisses podemos pensar que a histeria visa o impossível. Ao mesmo tempo que não quer realizar o desejo, para manter-se insatisfeita ela fazia com que o desejo de seu amado não se acabasse:

Ela que tantas vezes chegara a odiar Ulisses, mesmo continuando a fazer com que ele a desejasse. Ah! gritou-se muda de repente, que o Deus me ajude a conseguir o impossível, só o impossível me importa! Nem sequer entendeu o que queria dizer com isso, mas como se tivesse sido atendida no maior apelo humano e de algum modo, só por desejá-lo, tivesse tocado no impossível, disse baixo, audível, humilde: — obrigada (*idem*, p. 27).

Nesse primeiro momento do livro podemos perceber em Ulisses um papel fundamental junto à construção sintomática de Lóri, frente ao impasse em que ela se colocava junto ao objeto amoroso, pois na medida em que ele acolhia a angústia dela, ele a fazia questionar-se a si mesma, na tentativa de fazer algo melhor com esta angústia, que por vezes se apresentava como insuportável. Como uma forma de pensar sobre si mesma ela começa a escrever para Ulisses aquilo que ela não compreende:

Era cruel o que fazia consigo própria: aproveitar que estava em carne viva para se conhecer melhor, já que a ferida estava aberta. Mas doía demais mexer-se nesse sentido. Então preferiu apaziguar-se e planejou que, no táxi, pensaria no nariz reto de Ulisses, na sua cara marcada pela aprendizagem lenta da vida, nos seus lábios que ela jamais beijara. Só que ela não queria ir de mãos vazias. E assim como se lhe levasse uma flor, ela escreveu num papel algumas palavras que lhe dessem prazer (*idem*, p.28).

No segundo capítulo do livro, intitulado de *Luminescência*, embora seja maior no que tange a quantidade de páginas, podemos observar uma certa repetição do discurso que se apresenta no primeiro capítulo, *A origem da Primavera ou A morte necessária em Pleno dia*. Nesse sentido observamos que Lóri permanece com a sua angústia diante dos encontros com Ulisses, entretanto, à medida em que ela vai se

apropriando do seu desejo, passa a saber lidar com essa angústia de forma produtiva, pois consegue perceber a si mesma em sua condição de humana que implica sua própria falta-a-ser. Ou seja, caminha para a “luminescência” da condição de ser do humano, ser faltante.

Um outro forte detalhe que ressalta nesse romance são as poucas palavras que foram ditas entre Ulisses e Lóri ao longo dos cinco encontros descritos na narrativa. Embora notemos que a presença de Ulisses fazia com que sua amada conseguisse desbravar sua própria escuridão, não podemos deixar de mencionar que a vida de Lóri em sua maior parte é descrita nos momentos onde havia pouca luz, a madrugada era a sua companheira:

Nesta madrugada fresca foi ao terraço e refletindo um pouco chegou à assustadora certeza de que seus pensamentos eram tão sobrenaturais como uma história passada depois da morte. Ela simplesmente sentira, de súbito, que pensar não lhe era natural. Depois chegara à conclusão de que ela não tinha um dia-a-dia mas sim uma vida-a-vida. E aquela vida que era sua nas madrugadas era sobrenatural com suas inúmeras luas banhando-a de um prateado líquido tão terrível. [...] A noite, Ulisses, desce com suas pequenas alegrias de quem acende lâmpadas, com o cansaço que tanto justifica o dia. As crianças de Berna adormecem, fecham-se as últimas portas. As ruas brilham nas lajes e brilham já vazias. E afinal apagam-se as luzes das casas. Só um ou outro poste iluminado para iluminar o silêncio (*idem*, p. 34-35/37).

Nesse segundo momento do livro teremos Lóri, se deparado com o seu próprio desejo, de modo que as fugas e angústias descritas vão sendo substituídas pelo seu desejo de ser mulher de Ulisses. Entretanto, o fato de Ulisses a querer plena, tendo um conhecimento de si própria que jamais antes tivera em suas relações, gera uma espera. Essa espera, esse vazio, foi a força motora para o desejo de Lóri.

Afinal viu o homem se afastar, ao mesmo tempo que Ulisses dizia-lhe baixo: — Lóri, está tudo bem. Foi um homem que você hoje ficou olhando muito, possivelmente distraída, e ele com esperança acompanhou você esperando que você abrisse a porta. — Venha até a porta. Ele foi: — Quer tomar um café? perguntou ela como pretexto para fazê-lo entrar. Ele ficou no limiar. Ela estava de pé, em camisola curta e transparente. Ele ia dizer: 'pode dormir descansada, eu dissuadi o homem a meu modo'. Mas antes de dizer isso ele parou inteiramente, com os lábios apertados, e olhou-a de alto a baixo. Afinal disse: — De dia telefono para você. Com o desespero de fêmea desprezada, ouviu o carro dele se afastar. A visão de Ulisses tirara-lhe o sono. Olhou-se de corpo inteiro ao espelho para calcular o que Ulisses vira. E achou-se atraente. No entanto ele não quisera entrar (*idem*, p.33-34).

Ao lermos o texto de Clarice Lispector, temos a impressão de que para Lóri a questão não se coloca em efetivar relações sexuais com Ulisses, até mesmo porque ela diz já ter tido cinco amantes, mas de ter com ele uma intimidade de alma, ou seja, a

questão se põe sobre a lógica do amor e as implicações que este traz para o sujeito que inevitavelmente que irá se deparar com a castração.

E é justamente nesse sentido que podemos notar em Lóri a preocupação em não saber como agir, de não ter limites, o que nos leva a pensar na forma de amor feminino que coloca-se sob uma lógica erotomaniaca, ou seja, o gozo que se coloca para além da lógica fálica.

E era bom. 'Não entender' era tão vasto que ultrapassava qualquer entender — entender era sempre limitado. Mas não-entender não tinha fronteiras e levava ao infinito, ao Deus. Não era um não-entender como um simples de espírito. O bom era ter uma inteligência e não entender. Era uma bênção estranha como a de ter loucura sem ser doída. Era um desinteresse manso em relação às coisas ditas do intelecto, uma doçura de estupidez (*idem*, p.47).

Embora esse capítulo tenha como título *Luminescência* e notemos um movimento de Lóri em tornar-se clara para si própria, não podemos deixar de observar alguns pontos em que ela permanece obscura. Ao fazer o relato de suas viagens internacionais na época em que o pai tinha boas condições financeiras, antes de sua mãe morrer, a Ulisses, ela descreve cenas de escuridão da noite, ou de solidão na madrugada. Duas cenas das quais podemos observar o fantasma da figura da mulher prostituta, uma dessas cenas e toda a sua angústia foi vivenciada no inverno de Paris, e a outra, depois de alguns anos, nas ruas do Rio de Janeiro, em ambas as cenas havia a figura de um taxista que a guiava em sua própria perdição.

Se em Lóri podemos observar a característica estrutural da histeria com relação à prostituição, em Ulisses, podemos perceber que a imagem de uma mulher que teve vários homens também causa implicações, ao questionar Lóri sobre a quantidade de homens que ela já teve, observamos na narrativa uma cena de ciúme. Entretanto a tentativa de Ulisses de salvar Lóri de si o tempo todo não teria a ver com uma questão fantasmática do próprio universo masculino, com relação à figura da prostituta? Outro ponto que podemos pensar junto a esse romance com relação à dialética do jogo fálico, é o fato de uma valorização de Lóri em seu ser, em detrimento ao ter:

A maioria tinha um exterior que era para ser visto e reconhecido. O que encantava Lóri. Às vezes comparava-se às frutas, e desprezando sua aparência externa, ela se comia internamente, cheia de sumo vivo que era. Ela estava procurando sair da dor, como se procurasse sair de uma realidade outra que durara sua vida até então. Mas sua busca não era fácil. Sua dificuldade era ser o que ela era, o que de repente se transformava numa dificuldade intransponível (*idem*, p 124).

Durante as idas e vindas de Lóri, ela chega a um momento na descoberta de si quando, em um encontro, sem falar muito, Ulisses simplesmente diz que ela está pronta para ser dele. Todavia, precisará ir ao encontro dele sozinha e enquanto ele a estiver esperando, renovará as flores em seu quarto.

Lóri demora algum tempo para poder encontrar-se com Ulisses, pois gastará o seu tempo tentando compreender um pouco mais de si, na sua própria solidão. Porém ao encontrar Ulisses na casa dele e se entregar plena para ele, ela percebe que Ulisses não a faz mais plena, apenas será um apoio na sua solidão de existir.

Eu te amo, Lóri, e não tenho muito tempo para você porque trabalho muito. Foi sempre com esforço que eu separava tempo para tomar um uísque com você. Meu trabalho vai aumentar, você terá que ser paciente, vai aumentar porque preciso afinal escrever o meu ensaio. E escreverei sem estilo, disse como se falasse sozinho. Escrever sem estilo é o máximo que, quem escreve, chega a desejar. Será, Lóri, como a tua frase que sei de cor: será o mundo com sua impersonalidade soberba *versus* minha individualidade como pessoa, mas seremos um só. Você terá que ficar sozinha muitas vezes (*idem*, p.152).

O que consideramos o próprio reconhecimento da sua falta-a-ser, por fim o romance termina com dois pontos, nos dando a ideia de que muitas falas precisam ser escritas na constante invenção dessa falta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“As palavras continuam com os seus deslimites.”

Manoel de Barros

Após fazer uma articulação entre o saber literário e o psicanalítico, comprovamos que não podemos limitar a letra do poeta a uma explicação única, mas que o texto se oferece a diversas leituras. De modo, a articulação feita entre a função da arte, da escrita e da Psicanálise, se constitui como uma entre inúmeras possibilidades de se pensar o romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*.

Portanto, ao escolhermos a obra de Clarice Lispector tentamos dar suporte à discussão da função da escrita para o poeta, bem como da arte e suas implicações para o gozo. Sendo assim, compreendemos que a análise literária nos permite uma reflexão sobre o funcionamento psíquico e que a escrita pode ser entendida como um *savoir-faire* do sujeito junto ao gozo.

A partir da problemática proposta, acatamos que a psicanálise assim como a literatura são saberes que operam sobre a linguagem. Dessa feita, observamos na obra de Freud que a linguagem opera como uma forma do desejo do sujeito se manifestar. Sendo assim, entendemos que o diálogo entre literatura e psicanálise não se configura como algo inovador dentro da teoria psicanalítica, já que desde os primórdios das publicações freudianas temos citações de obras literárias bem como a análise de produções artísticas. Pensamos esse movimento de interlocuções de saberes como uma possibilidade de transferência por parte da psicanálise junto a outros campos de conhecimento, relação que possibilita ao saber psicanalítico sair do conflito da inserção especular do campo puramente científico.

Ao pensarmos a contribuição da arte literária junto ao discurso psicanalítico, entendemos que esta se dá na medida em que ambos os saberes dialogam com a fantasia que permite uma forma do sujeito extrair prazer da realidade. Desse modo, a escrita se configura como uma forma do sujeito se inserir no registro do erotismo, na tentativa de tecer algo que vele a castração. Apesar das inúmeras semelhanças que podemos destacar entre esses dois campos de saberes, compreendemos que existem divergências, na medida em que uma análise implica uma travessia da fantasia e a arte propõe que o sujeito alimente a fantasia de modo a não atravessá-la. Porém, se a literatura nos possibilita a narrativa do discurso inconsciente, à psicanálise coube a “explicação”.

Nesse sentido, ao buscarmos uma problematização do discurso psicanalítico, desde as considerações sobre a histeria até as implicações do feminino para a subjetividade humana. Compreendemos que a fala é uma condição do sujeito, que frente sua alienação ao Outro, faz dessa suporte para o desejo. Se a fala é condição de falta, ela também se constitui como um modo do sujeito satisfazer-se frente à fantasia.

Sendo assim, entendemos com Freud que o discurso psicanalítico assemelha-se ao do escritor criativo na medida em que este dialoga com a fantasia. A escrita é antes de tudo uma construção fantasmagórica do sujeito que quando inserido na castração joga com as palavras na tentativa de dar conta do seu desejo.

Ao escutar o discurso das histéricas, Freud não só acolhia em um método terapêutico o mal estar de sua época, como também permitia a criação de um saber que subvertia o próprio estatuto dos padrões científicos da época. Compreendemos que a histeria se estrutura como algo que perpassa um estado patológico do sujeito, mas se configura como um discurso que é capaz de subverter um saber. Freud, ao criar a associação livre, possibilitava ao sujeito se haver com o grande mal estar humano: a castração. De modo que não estando hipnotizado, cria-se a possibilidade de uma implicação subjetiva por parte do paciente frente ao sofrimento. Esta construção singular favorece o sujeito na possibilidade de cura por desvelamento do sintoma por ele inventado. Nesse processo de “cura” não podemos deixar de falar da função imprescindível do amor de transferência que se coloca como ferramenta que recria a alienação e separação em um sujeito suposto saber que funciona como Outro para o analisante.

Desse modo, percebemos que a clínica com os sujeitos histéricos tem suas peculiaridades. Assim sendo, o histérico é considerado um militante do ter, já que a problemática em torno do falo se dá por não tê-lo. Portanto, ele estabelece com o mestre uma relação ambivalente que carrega em si tanto amor como ódio, relação que também é estabelecida com os seus analistas.

Cabe ressaltar que na estrutura histérica temos vários traços estruturais que norteiam o diagnóstico diferencial, bem como a forma do funcionamento psíquico desses sujeitos. A partir dessas características podemos pensar sobre a constante busca que estes sujeitos fazem ao falo. O sujeito busca um ideal, que influencia na característica típica dessa estrutura clínica: a identificação. Nesse sentido, pensamos a constante insatisfação que esses sujeitos apresentam, pois nunca estarão satisfeitos junto ao ideal que estabeleceram como padrão inalcançável.

Assim, entendemos que o feminino se constitui como uma problemática para o sujeito, na medida em que este não abriga o significante fálico. Desde o deslocamento que a menina faz em busca de um atributo fálico, na tentativa de não consolidar a castração, podemos pensar as relações amorosas funcionando como uma negação da condição de falta a ser do sujeito.

E é justamente nesse sentido que temos na literatura psicanalítica a explicação da transformação da menina em mulher, quando impossibilitada de se deslocar do primeiro objeto amoroso (a mãe) para o pai, ela estabelece com o seu objeto amoroso uma relação que Freud chama de catástrofe e Lacan de devastação. Aí teremos uma reprodução da relação de rivalidade que existia com a mãe, junto ao parceiro amoroso. Porém, a devastação pode ocasionar uma compulsão à repetição, podendo implicar no prejuízo da metonímia e metáfora.

Entretanto, destaca-se que o desenvolvimento da menina pode haver a construção de um caminho para a feminilidade mais “saudável”, onde a inveja do pênis não seria algo tão presente. Observamos que as possíveis saídas para o desenvolvimento feminino proposto por Freud trazem em si a marca do feminino tomando como referência o falo. Ao pensarmos as implicações do feminino para a Psicanálise refletimos, que esta condição se coloca tanto para homens quanto para mulheres, já que em ambos podemos pensar nas implicações da castração. Porém, nas mulheres, por falta do atributo fálico a nível imaginário que se constitui no pênis, as consequências acabam tendo uma dimensão diferente.

Nesse sentido, entendemos que nas mulheres não existe um traço unário para que estas possam apoiar a sua feminilidade, de maneira que podemos pensar o modo de gozo erotomaníaco, pois a mulher não foi toda submetida ao falo. Assim, a mulher se constitui como um paradigma para a Psicanálise, na medida em que esta é suplente da inexistência do Outro. Tendo no abismo a sua condição de feminino, entendemos a feminilidade como um desamparo originário, que lança o sujeito na dinâmica do erotismo na tentativa de velar esse abismo que parece insuportável.

Se a escrita por nós é entendida como uma forma do sujeito lidar com a castração, do mesmo modo compreendemos a parceria amorosa ou a parceria sintomática, já que a relação sexual não existe, restando assim uma relação entre os sintomas, uma vez que estes funcionam para ambos, como uma forma de tornar possível ao sujeito extrair gozo, ainda que castrado.

Isto posto, temos nos personagens Ulisses e Lóri, uma parceria sintomática na medida em que ambos buscam extrair de si um saber. Portanto ao supor em Ulisses a função de mestre do saber, Lóri buscava a completude em si mesma, a fim de não deparar-se com a sua própria incompletude.

Portanto, no final do romance, pensamos que os protagonistas (Lóri e Ulisses) se deparam com a castração, mas, de algum modo, apreendem a lidar com esta quando decidem permanecer nessa relação de incompletude. Sendo assim, inferimos que o encontro amoroso é uma forma de ambos os sujeitos gozarem daquilo que é possível na impossibilidade de serem todos.

Ao apontarmos para a inexistência de uma completude do desejo humano, sinalizamos a própria incompletude da nossa escrita, desse modo a leitura que fazemos do romance de Clarice Lispector, se constitui apenas como uma de inúmeras possibilidades de ler essa genial artista. Desse modo ao articulamos a escrita de Clarice à histeria e ao feminino, muito mais que as respostas, encontramos questões que formulamos nesse trabalho encarnadas nos protagonistas Lóry e Ulisses, no enigma do feminino e no impossível da relação sexual.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA/FILMOGRÁFICA

ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986

AUTRAN, Inês; MONTEIRO, Elisa. *Êxtase, um amor desatinado*. In: Opção Lacaniana online nova série. Ano 1, n. 2, junho de 2010. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/extase_um_amor_desatinado.pdf>. Acesso em 5 de maio de 2011.

BADARI, Patricia. *Quando o capital amoroso termina*. In: Opção Lacaniana online nova série. Ano 1, n. 2, junho de 2010. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/Quando_o_capital_amoroso_termina.pdf>. Acesso em 5 de maio de 2011.

BALDINI, Marcus; LETIER, Rodrigo; BERLINER, Roberto. *Bruna Surfistinha*. Brasil: TV Zero, 2011. DVD (109 min).

BARROS, André Luiz. *Viva a Clarice. A estratégia da esfinge*. In: Revista Bravo. Ano 1, n 3, p. 69, 1997.

BELAGA, Guillermo A. *O sintoma como uma metáfora da arte*. In: Opção Lacaniana online nova série. Ano 1, n. 3, novembro de 2010. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_3/O_sintoma_como_uma_metafora_a_rte.pdf>. Acesso em 5 de maio de 2011.

BIRMAN, Joel. *Cartografias do feminino*. São Paulo: Ed.34, 1999.

BOCCA, Cristina. *A inversão da função do amor*. In: Opção Lacaniana online nova série. Ano 1, n. 2, julho de 2010. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/A_invers%C3%A3o_da_funcao_do_amor.pdf>. Acesso em 5 de maio de 2011.

BREUER, Josef; FREUD, Sigmund. *Estudos sobre a histeria. (1893-1895)*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

CAMPOS, Augusto. *A família em tempos do pós-tudo*. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Sandra_Arruda_Grostein_A_familia_em_tempos_do_pos-tudo.pdf> Acesso 30 de setembro de 2011.

DARGENTON, Gabriela. *Amor fetichista – amor louco: consequências na criança*. In: Opção Lacaniana online nova série. Ano 1, n. 2 junho de 2010. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/Amor_fetichista_amor_louco.pdf>. Acesso em 5 de maio de 2011.

DOR, Joël. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1997

FARIAS, Cassandra Dias. *O amor como semblante de gozo*. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Cassandra_Dias_O_amor_como_semlante_de_gozo.pdf>. Acesso em 13 de novembro de 2010.

GARCIA, Célio. A Escrita. In.: *A escrita em Psicanálise*. Belo Horizonte: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, 2002.

GOYATÁ, Francisco José dos Reis. *O gozo feminino, a erotomania e a eviração na psicose*. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Cassandra_Dias_O_amor_como_semlante_de_gozo.pdf>. Acesso em 23 de novembro de 2010.

GROSTEIN, Sandra Arruda. *Ora pílulas!*. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Sandra_Arruda_Grostein_Ora_pilulas.pdf>. Acesso em 30 de setembro de 2011.

FREUD, Sigmund. *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência (1893)*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *A etiologia da histeria (1896)*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *A sexualidade na etiologia das neuroses (1898)*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *A interpretação de sonhos (1900)*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *A interpretação de sonhos (1900)*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. V. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Fragmento da análise de um caso de histeria (1905[1901])*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen (1907[1906])*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Escritores criativos e devaneios (1908[1907])*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909)*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I) (1910)*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II) (1910)*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Conferências introdutórias sobre a Psicanálise (1917)*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *A dissolução do complexo de Édipo (1924)*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Um estudo autobiográfico (1925[1924])*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925)*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *O mal estar na civilização (1930[1929])*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *O prêmio Goethe (1930)*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Sexualidade Feminina (1931)*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Feminilidade (1933[1932])*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JENSEN, Wilhelm. *Gradiva uma fantasia pompeiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

JULIEN, Philpe. *Psicose, perversão, neurose: a leitura de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.

HERNANI, Fernanda. *Falar, amar, gozar e escrever*. In: Opção Lacaniana online nova série. Ano 2, n. 4, março de 2011. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_4/Falar_amar_gozar_escrever.pdf>. Acesso em 5 de maio de 2011.

LACAN, Jacques. *O Seminário – Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964.

_____. *O Seminário – Livro 20: Mais, Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

MAIA, Maria Angela. *A mulher e o inconsciente*. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Maria_Angela_Maia_A_mulher_e_o_inconsciente.pdf>. Acesso 23 de novembro de 2010.

MARIÁS, Kátia. *Da existência da relação sexual em Freud. Um percurso a partir do encontro entre Freud e Jung e o debate sobre a teoria da libido*. In: Opção Lacaniana online nova série. Ano 1, n. 2, junho de 2010. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/Da_existencia_da_relacao_sexual.pdf>. Acesso em 5 de maio de 2011.

MEZÊNCIO, Márcia de Souza. *Revisitando a travessia. A escrita em Psicanálise*. Belo Horizonte: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, 2002.

MILLER, Jacques-Alain. *Uma conversa sobre o amor*. In: Opção Lacaniana online nova série. Ano 1, n. 1, março de 2010. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/Uma_conversa_sobre_o_amor.pdf>. Acesso em 5 de maio de 2011.

_____. *Mulheres e semblantes I*. In: Opção Lacaniana online nova série. Ano 1, n. 1, março de 2010. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Mulheres_e_semlantes_I.pdf>. Acesso em 5 de maio de 2011.

_____. *Mulheres e semblantes II*. In: Opção Lacaniana online nova série. Ano 1, n. 1, março de 2010. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Mulheres_e_semlantes_II.pdf>. Acesso em 5 de maio de 2011.

_____. *Do amor à morte*. In: Opção Lacaniana online nova série. Ano 1, n. 2, junho de 2010. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/Do_amor_a_morte.pdf>. Acesso em 5 de maio de 2011.

_____. *O amor entre a repetição e invenção*. In: Opção Lacaniana online nova série. Ano 1, n. 2, junho de 2010. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/O_amor_entre_repeticao_e_invencao.pdf>. Acesso em 5 de maio de 2011.

NASCIMENTO, Marcos Bulcão. *Alienação, separação e travessia da fantasia*. In: Opção Lacaniana online nova série. Ano 1, n. 1 março de 2010. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Aliena%C3%A7%C3%A3o_separa%C3%A7%C3%A3o_e_a_travessia_da_fantasia.pdf>. Acesso em 5 de maio de 2011.

NASIO, Juan-David. *A histeria – teoria clínica e psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

NUNES, Eliane Lima Guerra. *O ardor e a dor nas canções de Winehouse*. In: Opção Lacaniana online nova série. Ano 1, n. 2, junho de 2010. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_3/O_ardor_dor_amor_can%C3%A7%C3%B5es_Winehouse.pdf>. Acesso em 5 de maio de 2011.

NOËL, Jean Bellemin. *Psicanálise e literatura*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978

OLIVEIRA, Jaime Araújo. *A histérica, A mulher e o pai*. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Jaime_Oliveira_A_histerica_a_mulher_e_o_pai.pdf>. Acesso em 13 de novembro de 2010.

PINTO, Graziela Costa. *A clínica do Real*. Coleção memória da Psicanálise. São Paulo: Duetto Editorial, 2009.

ONOFRE, José. *Viva a Clarice. A estratégia da esfinge*. In: Revista Bravo. Ano 1, n 3, p. 69, 1997.

RIVERA, Tania. *O sujeito na psicanálise e na arte contemporânea*. In: Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, n. 1, p. 13-24, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000100002>. Acesso em 24 de junho de 2011.

_____. *Transferência, arte, psicanálise*. In: Pulsional revista de psicanálise, São Paulo, ano, XIII, n 133, p. 37 – 47, 1999. Disponível em: <http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/133_04.pdf>. Acesso 24 de junho de 2011.

SANTANA, Vera Lúcia Veiga. *A psicose e sua relação com a loucura da mulher*. In: Opção Lacaniana online nova série. Ano 1, n. 2, junho de 2010. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_2/A_psicose_e_sua_relacao_com_a_loucura_da_mulher.pdf>. Acesso em 5 de maio de 2011.

SILVA, Jailma Souto Oliveira da. *O enigma da morte em Machado de Assis*. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2007.

SIQUEIRA, Elizabete. *Da devastação ao amor*. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/2007/1Elisabete_Siqueira_Da_devastacao_ao_amor.pdf>. Acesso 30 de setembro de 2011.

SKLAR, Sérgio. *O espaço imanente*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

VALERIM, Soraya. *Arte – da fantasia ao real*. In: Opção Lacaniana online nova série. Ano 2, n. 4, março de 2011. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_4/Arte_da_fantasia_ao_real.pdf>. Acesso em 5 de maio de 2011.

VILLARI, Rafael Andrés. *Relação possíveis e impossíveis entre a Psicanálise e a Literatura*. In: *Psicologia – Ciência e profissão*, v. 20, p. 2 -7, 2000. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v20n2/v20n2a02.pdf>>. Acesso 26 de janeiro de 2011.

ZALCBERG, Malvine. *Cisne negro: perdendo-se na perfeição*. In: *Opção Lacaniana online nova série*. Ano 2, n. 4, março de 2011. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_4/Cisne_negro_Perdendo-se_na_perfeicao.pdf>. Acesso em 5 de maio de 2011.